3 1761 07041123 6

PQ
9569
T4

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/poetasbrazileiro00teix

POETAS BRAZILEIROS

TYPOGRAPHIA DE CUNHA & COMP.ª

—

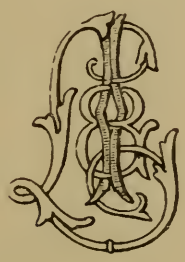
Rua Nova de S. Domingos, 95

Porto.

Teixeira Bastos

Poetas Brazileiros

Raymundo Corrêa — Alberto de Oliveira
Valentim Magalhães — Fontoura Xavier — Theophilo Dias
Mucio Teixeira — Isidoro Martins Junior
Sylvio Romero — Filinto de Almeida
Hugo Leal.



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
Casa editora de LELLO & IRMÃO
96, Clerigos, 96
—
1895

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

PQ
9569
T4

1154883

PROLOGO

Ha alguns annos publicamos no *Diario Mercantil,* de S. Paulo (Brazil), uma série de apreciações litterarias sobre poetas brazileiros contemporaneos.

O nosso velho amigo Gaspar da Silva, hoje visconde de S. Boaventura, a cujas instancias iniciamos aquellas criticas no jornal, que então dirigia, lembrou-nos ha dias, na despedida de Valentim Magalhães, a conveniencia de as reunirmos agora em volume.

Com effeito reconhecemos a opportunidade da sua publicação n'um momento em que escriptores distinctos dos dois paizes estão empenhados em estreitar as relações litterarias entre povos unidos pela identidade de sangue, de tradic-

ções e de lingua. Com este fim realisou recentemente, nas salas da Sociedade de Geographia de Lisboa, tres conferencias, sobre a litteratura contemporanea do Brazil, o brilhante poeta brazileiro e nosso amigo Valentim Magalhães. Teem tambem o mesmo objectivo os estudos criticos sobre *Poetas brazileiros* de que formamos o presente livro; d'ahi a sua opportunidade.

Conservando a estas ligeiras apreciações a fórma primitiva, pareceu-nos dever ampliar a comprovação poetica, em consequencia de ser a edição destinada a um publico que desconhece inteiramente a litteratura moderna do Brazil, e accrescentar a esses ensaios criticos, outros que não viram a luz no *Diario Mercantil*.

Lisboa, 2 de abril de 1895.

POETAS BRAZILEIROS

CAVACO PRÉVIO

Carta a Gaspar da Silva

Caro amigo e collega:

Pede-me v. ex.ª para manifestar em folhetins do *Diario Mercantil* [1] a impressão que me deixou a leitura dos modernos poetas brazileiros, da laureada mocidade, cujos nomes a tuba da imprensa diaria apregôa por toda a terra americana, onde se falla a lingua de Camões, como notabilidades indiscutiveis. Difficil tarefa esta que me impõe: — Julgar os que foram julgados e coroados de louros pela opinião publica!...

---

[1] Jornal que se publicava então em S. Paulo, Brazil, sob a direcção de Gaspar da Silva e Léo de Affonseca: 2.º anno.

Confesso-lhe que hesitei, não porque me falte coragem para dizer as verdades ainda as mais custosas de ouvir, mas sim porque conheço insufficientemente o movimento litterario do Brazil e faltam-me elementos, para com justiça, distinguir os falsos diplomas de primeiros poetas dos diplomas verdadeiros, no grande oceano de nomes que vejo elevar-se até ás estrellas — Tobias Barreto, Sylvio Roméro, Theophilo Dias, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, Arthur d'Azevedo, Luiz Murat, Filinto de Almeida, Luiz Delphino, Martins Junior, Fontoura Xavier e tantos outros. . . uma série interminavel que cresce sempre á medida que surge um novo poeta!. . .

Todos estes candidatos ao primeiro logar entre os primeiros, disputarão em vão a primasia; o que é certo, porém, é que todos teem partidarios mais ou menos numerosos, mais ou menos apaixonados, muitos capazes de se sacrificarem pelos seus idolos e, mais ainda, de desfeitearem os idolos dos visinhos. O interessante da lucta está particularmente no afan com que cada qual procura erguer o pedestal do seu deus, sem reparar muitas vezes nos esforços desesperados que tem de fazer para o manter em equilibrio!

Ahi todos invejam a lyra de primeiro poeta do Brazil.

Em Portugal, como a nossa parte do conti-

nente europeu é muito mesquinha, a ambição vae além das fronteiras, e fraco será o poeta que não tentar, pelo menos, a conquista do principado dos poetas da peninsula hispanica. E os nossos visinhos hespanhoes são tão boas pessoas que ainda não se lembraram de protestar contra este iberismo da poesia. Pois não são poucos os vates a quem os seus admiradores teem consagrado as honras de um tal principado: — João de Deus, Anthero de Quental, Theophilo Braga, Guerra Junqueiro, Gomes Leal e talvez ainda mais algum que não me occorra agora. Este phenomeno obedece necessariamente á mesma lei que determina o que se constata na litteratura brazileira contemporanea.

Para se ser, porém, o primeiro poeta de uma nação, de um imperio ou de uma peninsula, n'uma determinada época, não é sufficiente o amor proprio do pretendente, a lisonja dos amigos e a admiração de certo numero de compatriotas ou de contemporaneos. Nada, de modo algum.

Antes de tudo, é indispensavel que o poeta synthetise os sentimentos e o pensamento da sua época e do seu povo e que os saiba modelar e vivificar n'uma fórma artistica superior. Depois, torna-se precizo que o seu meio, a geração que o produziu, se sinta apta para o entender e apreciar, o que rarissimas vezes suc-

cede, como nos ensina a historia. Pois se os elementos utilisados na obra de arte sahem todos do seu tempo e da sua sociedade, o poeta encontrou-os dispersos, fragmentados, e dá-lhes cohesão, unidade, quasi sempre incomprehensivel para a grande massa dos contemporaneos. São raros os que na vida do verdadeiro poeta, vêem todo o alcance da sua obra. Porém, á proporção que os annos vão passando, o poema vae sobresahindo sobre todas as obras da mesma época, e o poeta sobe, recebendo a consagração devida ao seu genio, á sua superioridade inabalavel.

O julgamento de uma geração não é ainda assim sufficiente; as gerações que se succedem vão submettendo a um exame as opiniões recebidas e confirmando-as desde que se convencem da sua justiça. E' d'este modo que a humanidade tem procedido com Virgilio, Lucrecio, Dante, Shakspeare, Goëte e todas as glorias da poesia universal. Ainda hoje se revêem diariamente as glorificações confirmadas pelos seculos, do mesmo modo que os chimicos, apezar de conhecerem desde Lavoisier a composição da agua, mais tarde representada quantitativamente pela fórmula H 2 O, repetem frequentes vezes a sua determinação, quer pela analyse, quer pela synthese.

No mundo litterario, onde os phenomenos obedecem a leis sociologicas, as mais complexas

de todas, com muito mais razão precisam ser verificadas a cada passo as conclusões e os juizos admittidos pelo vulgo.

Partindo d'estes principios, que confiança se póde ligar ao julgamento dos contemporaneos? Na realidade, tanto menos confiança, quanto maiores forem os interesses ou as sympathias que liguem o jury ao sujeito determinado. E, na razão inversa, tanto mais digna de fé se torna a critica, quanto menos obedecer a motivos pessoaes e mais se deixar guiar por ideias geraes e fixas, relativas ao movimento intellectual da sociedade.

A intima ligação do verdadeiro poeta com o seu meio intellectual, moral e social, é um facto que se constata ao estudarem-se as obras primas de cada época ou de cada nacionalidade. Vejam-se, por exemplo, os grandes genios que ha pouco citei, as relações da *Eneida* com o mundo romano, com o polytheismo militar conquistador; as do poema *Sobre a natureza das cousas* com as ideias philosophicas que apressaram a dissolução do polytheismo; as da *Divina Comedia* com o monotheismo catholico e com as luctas entre o papado e o imperio, entre os dous poderes temporal e espiritual; as do *Hamlet* com o protestantismo, com o livre exame; e, emfim, as do *Fausto* com o movimento metaphysico, com a evolução negativa, que precedeu o periodo de positividade em que de facto hoje

nos encontramos. Portanto, para que na actualidade um poeta tenha probabilidades de vida, isto é, de sobreviver ao seu tempo, é necessario antes de tudo que a sua imaginação esteja orientada pelo espirito philosophico da época, que sinta de uma maneira definida o que indefinidamente sente o vulgo, e, emfim, que presinta a direcção que levam as aspirações geraes do nosso tempo e dos povos que constituem a élite da humanidade.

No estado de desenvolvimento attingido pelo nosso seculo, quando as communicações materiaes, tornando-se facilimas, reduziram todos os povos a uma grande familia, quasi se póde affirmar que deixaram de existir as litteraturas nacionaes, particularistas, para se fundirem n'uma só litteratura, essencialmente social e humana. Continua-se, é certo, a fallar em litteratura franceza, litteratura allemã, litteratura ingleza, etc., porém a distincção só está na lingua e quando muito em minuciosidades secundarias. A ideia, o fundo geral, é o mesmo entre todos os povos, assim como é a mesma a corrente de opiniões e de doutrinas que transfórma na época actual a mentalidade da Europa e da America.

A sciencia, que serve de base e que deu impulso ao moderno movimento intellectual, é tambem só uma e a mesma tanto em Paris como em Berlim, em Londres como em

New-York, em S. Petersburgo com no Rio de Janeiro.

Ridiculos são, portanto, todos os exclusivismos: o germanophilo não o é menos do que o latinophilo, nem o anglophilo mais do que o slavophilo. Ha só um ponto de vista possivel — o ponto de vista humano.

Ora, é exactamente o ponto de vista humano o que pretendo applicar nos meus ligeiros estudos sobre os poetas brazileiros, sem attender a considerações de qualquer outra especie, e nomeadamente aos elogios bombasticos com que as folhas diarias todos os dias matam á nascença muitos talentos promettedores.

O criterio humano reduz-se a apreciar cada um dos poetas nas suas relações com o meio intellectual, moral e social, ou por outras palavras, em vêr como cada qual se approximou mais ou menos do ideal moderno, deduzido do conjuncto da civilisação.

É enormissimo o circulo abrangido pelas concepções poeticas da época contemporanea.

Ahi, a imaginação do poeta póde voar e alçar-se bem alto, como a aguia, sem cahir no absurdo, sem despenhar-se na insensatez.

São inexgotaveis os elementos para a idealisação do artista: as forças naturaes actuam sobre o individuo, produzem-o, arrastam-o e matam-o; o individuo lucta pela existencia, reage sobre o meio, adapta-se, cresce e desen-

volve-se, progride, multiplica-se, aperfeiçoa-se; o homem surge, lucta, vence: a humanidade supplanta a animalidade, o homem moral e intellectual triumpha do homem physico, do homem animal: as forças naturaes, submette-as elle uma a uma, quer á sua intelligencia, comprehendendo-as, quer ao seu braço, aproveitando-as, utilisando-as. . . Eis a moderna fonte de inspiração para o poeta.

O ideal da humanidade não tem limites. E um ideal é a alma da poesia. Nas passadas civilisações serviu de ideal o pensamento mais lato ou a concepção mais geral — religiosa, metaphysica ou philosophica — de cada época, porque na realidade a verdadeira poesia nunca foi um passatempo agradavel e inutil, mas sim a primeira das bellas-artes com um grande fim social e humano.

É por este motivo que por si só nada vale a perfeição do verso, do rythmo e da estrophe, quando, pelo contrario, vale immenso se tem a animal-a o sôpro divino da inspiração, o raio luminoso do ideal! Sem o tal *fogo sagrado,* de que fallam os velhos poetas, e que é, de facto, o espirito religioso ou philosophico de cada época, não existe poesia acceitavel. Sem elle podem haver excellentes metrificadores, mas não haverá um verdadeiro poeta.

Convém que todos se convençam d'esta verdade pela leitura e pelo estudo dos grandes es-

criptores de todos os povos antigos e modernos, afim de não termos o desgosto de vêr homens de talento, capazes de conceber e de executar algumas obras primas, continuarem a rebaixar a poesia ao nivel do *crochet* e de outras prendas futeis ensinadas ás meninas da nossa burguezia romantica.

A poesia sempre teve e ainda hoje tem um grande destino; compete aos jovens poetas descobril-o.

Em vez de perderem o tempo e dispenderem as forças intellectuaes com frioleiras litterarias, que por mais perfeitas que sejam nunca chegam a durar a vida de uma geração, tentem conquistar o vello de ouro da poesia moderna, da idealisação da humanidade.

Aqui tem o meu caro amigo e collega a craveira pela qual tenciono medir a altura de cada um dos poetas brazileiros, de que me occupar, e que é a mesma de que me tenho servido para analysar as obras dos nossos compatriotas, desde os mais eminentes até aos mais mediocres [1]. A lei é geral para todos, estabeleceram-na os codigos: pois a lei a que obedecem os poetas tambem não admitte excepções.

---

[1] No *Diario Mercantil* publiquei, pela mesma época, uma série de artigos sobre livros de poetas portuguezes contemporaneos.

Se algum ou alguns dos jovens escriptores brazileiros se sentir beliscado pela minha critica, não se queixe de mim, queixe-se de v. ex.ª que me confiou esta missão.

Creia-me sempre com a mais affectuosa estima

De v. ex.ª
Am.º e collega obrig.mo

Teixeira Bastos.

Lisboa, 4 — 12 — 84.

I

RAYMUNDO CORRÊA

Symphonias [1] é o titulo do volume de versos a que vamos consagrar esta analyse, este ligeiro ensaio de critica litteraria.

O joven poeta, baptisando a sua producção artistica com um nome proprio da arte musical, demasiadamente vago, deixa-nos antever a falta de precisão das suas ideias sobre a arte poetica.

A leitura das poesias não faz senão confirmar de mais em mais esta supposição.

---

[1] Raymundo Corrêa — *Symphonias*, com uma introducção de Machado de Assis — Rio de Janeiro. Livraria editora de Faro & Lino, 74, Rua do Ouvidor — 1883 — 1 vol. de 98 paginas.

A harmonia da estrophe, a sonoridade da palavra, a cadencia do rythmo, eis a que se reduz a sua esthetica. Filia-se espontaneamente n'essas escólas, sem ideal definido, em que se transformou o romantismo decadente.

Não podemos precisar bem a qual dos variados ramos pertence Raymundo Corrêa, porque conscienciosamente não pertence a nenhum, guardando reminiscencias de todos elles, o que aliás succede a muitos outros poetas brazileiros.

Chamar-lhe-hemos *parnasiano,* se quizermos dar a esta palavra a ampla significação que ha vinte annos ella possuia em França, estendendo-se a Coppée, Dierx, d'Hervilly, Leconte de Lisle, Banville, de Heredia, a toda essa phalange dos cultores da fórma, que herdaram do romantismo, aperfeiçoando-o e levando-o aos ultimos extremos, o esmero do verso.

Raymundo Corrêa é um dos finos e delicados adoradores da arte pela arte, um insigne *virtuose* da palavra.

Mas será isto sufficiente para se ser um bom artista?

Eis aqui o problema.

Quando ha dez ou doze annos, — perdoe-se-nos esta nota pessoal, — mergulhados ainda em pleno romantismo, nos entregavamos á leitura de Garrett e Herculano, sentiamos pelos seus versos, pelas *Folhas cahidas* ou pela *Harpa do*

crente, um sincero e vivo enthusiasmo, em quanto que a leitura dos encomiados versos de Castilho nos deixava frios, impassiveis, apezar de reconhecermos a perfeição, quasi inexcedivel, do seu metro.

Tinha mil vezes maior encanto para nós um verso incorrecto de Herculano, uma estrophe menos burilada de Garrett, do que a mais extensa e a mais irreprehensivel das poesias de Castilho.

A razão d'isso, que então não sabiamos explicar, era porque n'aquelles havia sentimento, havia emoção, ao passo que n'estes havia simplesmente a fórma.

Para nos exprimirmos n'uma linguagem mais vulgar, Garrett e Herculano faziam vibrar o coração, Castilho apenas agradava ao ouvido.

Ora, a sensação que produzia em nós a leitura dos versos de Castilho, é exactamente a que sentimos agora ao lêr a maioria das producções dos *parnasianos,* dos que, cuidando miudamente da fórma, não têem uma emoção verdadeira.

Os poetas brazileiros, abandonando o lyrismo romantico, profundamente sentido por esses moços que se deixavam finar na flôr dos annos, cahiram na imitação da poesia franceza contemporanea, quer de uma maneira directa, quer indirectamente, seguindo os passos de dois ou tres *parnasianos* portuguezes.

Falta-lhes a espontaneidade, falta-lhes o vigor e a emoção.

Só conservam a harmonia do metro.

Por isso, a leitura prolongada dos seus versos, apezar de seduzirem o ouvido, não tem condições para vencer a fadiga mental que pouco a pouco nos invade.

A delicadeza da contextura não destroe a monotonia, que traz a ausencia da emoção, a falta de pensamento.

As *Symphonias* sentem-se necessariamente dos defeitos de escóla.

Raymundo Corrêa, não tendo por ora uma orientação positiva, nem sendo dotado de uma organisação excessivamente sentimental, acceitou as idéas correntes sobre esthetica e dedicou-se á cultura da poesia sem outro ideal que não fosse o attingir o auge da perfeição no rythmo.

Com effeito, sob este ponto de vista, o merecimento do novel poeta é incontestavel.

Porém, como para a poesia viver mais do que vivem as rosas na primavera, melhor ainda, para sobreviver ao auctor, se torna indispensavel alguma cousa mais do que uma metrificação irreprehensivel, Raymundo Corrêa, se fôr realmente um artista, ha-de fechar os ouvidos á lisonja, e labutar muito para dar aos seus versos o que elles tanto necessitam — a scentelha de ideal que é a alma das obras-primas.

Que o poeta tem uma fórma primorosa e emprega bellas imagens, vê-se desde a primeira *symphonia,* o soneto *As Pombas:*

Vae-se a primeira pomba despertada...
Vae-se outra mais... mais outra... emfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada..,

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas. serenas,
Ruflando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

Os sonetos intitulados *Mal secreto, O vinho de Hebe* e alguns dos *Perfis romanticos,* apezar do abuso na repetição de palavras, — figura a que os rhetoricos chamam anaphora e que, empregada com parcimonia, póde dar relevo ao verso, mas cujo excesso póde tambem significar pobreza de imaginação — esses sonetos, diziamos, revelam-nos a *maneira* do poeta, o gráu de perfeição attingido por elle no cinzelamento do verso e emfim a contextura exhuberante

que tomariam as grandes ideias entrajadas n'estas fórmas rythmicas.

Veja-se *Marilia,* o IV dos *Perfis romanticos:*

Ó Marilia! Ó Dirceu! Eram dois ninhos
Os vossos corações, ninhos de flôres:
Mas, entre os quaes, sentieis os rigores
Lacerantes de incognitos espinhos;

Tremiam, como em flacidos arminhos,
Promiscuamente, n'elles os amores,
As saudades, os canticos, as dôres,
Como uma multidão de passarinhos.

O sulco profundissimo que traça
Nos corações amantes a desgraça,
Ambos nos corações traçados vistes,

Quando os vossos olhares, no momento,
Cruzaram-se, do negro afastamento,
Marcejados de lagrimas e tristes...

Raymundo Corrêa encontra-se ainda n'essa phase de transição, em que o romantismo decadente, mesmo inteiramente morto, não póde, já, satisfazer as aspirações da arte, ao passo que o espirito, desorientado pelas pelejas litterarias e pelos esclusivismos de escólas, hesita sem vêr claro por ora o caminho ou a direcção que toma a esthetica moderna.

A indecisão do poeta, evidente a cada pagina, transparece sobretudo nas traducções ou

imitações que contém este volume, onde brilham a par de Victor Hugo e de Schiller, Theophilo Gautier e François Coppée, Zorilla e Campoamor. N'esta situação indefinida o artista, por maiores que fossem as suas aptidões, havia de parecer fraco, tinha forçosamente de sossobrar, por falta de verdadeira emoção. Sem emoção não ha poesia.

Uma das mais bellas producções de Raymundo Corrêa é talvez o seguinte soneto:

NO DECENNARIO DE CASTRO ALVES

Foram-se todas já. Uma era a bella
Musa das notas lyricas, sombrias;
Outra empunhava a taça das orgias;
Outra o pincel da americana tela;

Esta era torva e extravagante; aquella
De Henri Heine lembrava as phantasias —
Eis as musas gentis do Abreu, do Dias,
Do Azevedo, do Freire e do Varella...

Cada uma d'estas pallida sustinha
Na mão uma harpa d'oiro, e a desejada
Gloria a seguir cada uma d'estas vinha...

De Castro Alves, porém, a illuminada
Musa, em logar de uma harpa d'oiro, *tinha*
Na mão brilhante a trompa bronzeada.

Ora d'esta pleiade brilhante do romantismo brazileiro, á qual se refere o auctor das *Sym-*

phonias, cada um sentia profundamente, vivia, por assim dizer, da vida dos seus versos, e d'ahi o valor artistico das obras primas que legaram. Porém, o desenvolvimento das ideias, nos ultimos quinze ou vinte annos, tem de tal modo transformado a mentalidade humana, tanto na America como na Europa, e actuado reflexamente sobre os sentimentos, que hoje seria difficil a qualquer organismo melhor dotado exceder, ou sequer, elevar-se áquellas notas do lyrismo brazileiro. A época é outra, são outros os sentimentos e outras as ideias.

No emtanto, ainda se acham de vez em quando, nos poetas contemporaneos, vestigios d'aquelle lyrismo quente, e com frequencia luxurioso, de Casimiro de Abreu, Alvares de Azevedo e Castro Alves. Leiam-se, por exemplo, nas *Symphonias,* os sonetos *Na penumbra, No jardim* e sobre tudo o que se intitula *No banho.*

Eis o ultimo d'estes:

Não eras só na camara deserta
Quando o banho tomavas perfumoso;
Banho feito do aroma voluptuoso
Que ás odaliscas a Turquia offerta...

Fóra — do estio estava a calma aberta —
Dentro — o socego morno e silencioso —
E eu ás occultas te mirava, ancioso
Não eras só na camara deserta..

E em torno derramaste o olhar celeste;
Desfolhaste-te, flôr; nú, d'entre a veste
Teu collo começou a apparecer,

E a espalda, e o dorso... E, vencedor sublime,
Eu, forte, não perdi-te nem perdi-me,
E ai! podia perder-me e te perder!

O illustre poeta dividiu esta collecção de poesias em duas partes. Temos fallado principalmente da primeira; na segunda mostra-se o auctor inclinado para o genero revolucionario, que se espalhou no occidente da Europa, devido á influencia dos *Châtiments* de Victor Hugo, e que em Portugal deu, por exemplo, os poetas pamphletarios — Guilherme Braga e Gomes Leal. *A ilha e o mar* e *Luz e treva* filiam-se n'esta escóla. Porém, *Os dois espectros* é o principal documento d'essa influencia. N'esta extensa poesia, com que fecha as *Symphonias,* ha versos valentes, ha energias de fórma e violencia de dicção, tocando as raias da declamação rhetorica e retumbante, o que prejudica enormemente o effeito geral do conjuncto. Na poesia revolucionaria, na poesia da indignação ou do *odio* — como Gomes Leal chama á Musa que lhe inspirou o poemeto *A Traição,* — difficilmente o artista se conserva no justo equilibrio em que a arte se utilisa da ideia politica, sem se reduzir á condicção tristissima de sua escrava.

A poesia moderna deve ser social e humana,

— como social e humana foi em todos os tempos a poesia que sobreviveu á sua época, — e nunca deverá deixar arrastar-se pelas paixões politicas de momento, que a posteridade necessariamente esquece. As allusões de Dante ás luctas politicas dos Guelfos e Gibelinos são hoje exactamente os trechos mais fracos e menos admirados da grande epopeia medieval.

Os arrogantes brados poeticos de Victor Hugo contra o miseravel de Sédan e os criminosos cumplices do 2 de Dezembro, — versos tão applaudidos pela França e pelo mundo inteiro — ficarão na historia como um documento de protesto, mas não serão elles que hão de dar a immortalidade ao famoso poeta. *La Legende des siècles* pesará mais na balança do julgamento do que *Les Châtiments*, apezar da sua enorme popularidade.

As *Symphonias* não são a estreia de Raymundo Corrêa. Anteriormente, em 1879, publicára um volume intitulado *Primeiros versos*, onde ha, segundo a opinião do illustre escriptor Machado de Assis "o cheiro romantico da decadencia„ a par de alguma "affectação„ e "vulgaridade„. Do primeiro ao segundo livro constata o critico brazileiro um notavel progresso: "dá muito mais do que déra antes„, mas "não dá ainda n'este livro tudo o que se póde esperar do seu talento.„ Fazemos nossas estas palavras de Machado de Assis.

Se Raymundo Corrêa possue uma verdadeira organisação de artista e deseja realmente conquistar uma gloria que não seja ephemera, tem de estudar e trabalhar muito, diligenciando orientar o seu espirito no sentido dos modernos progressos intellectuaes e da concepção philosophica que a elles preside. Faça-o e será um dos primeiros entre os primeiros.

II

ALBERTO DE OLIVEIRA

O joven auctor das *Meridionaes* [1] pertence, como Raymundo Corrêa, á pleiade dos poetas da transição, é tambem quasi um *parnasiano*, um cultor apaixonado da fórma, tocando mesmo as raias do possivel e cahindo no excesso do esmero; tambem como elle não se póde filiar determinadamente em nenhuma das diversas escólas em que se dissolveu o romantismo; mas não segue identico rumo, occupa logar á parte, embora parallelo.

Machado de Assis traçou a caracteristica

---

[1] Alberto de Oliveira — *Meridionaes*, com uma introducção de Machado de Assis — 1883, Rio de Janeiro. Typographia da *Gazeta de Noticias;* 72, rua Sete de Setembro, 1884. 1 vol. de 168 pag.

d'este poeta, dizendo que a sua emoção "está sempre sujeita ao influxo das graças externas."

A exterioridade das cousas, o brilho superficial, as côres vivas, impressionam-n'o, impõem-se á sua imaginação e levam-n'o a fixal-as no papel sob a fórma de um soneto — a sua fórma predilecta — ou de meia duzia de estrophes rendilhadas.

Como artista, se trocasse a lyra pela paleta, talvez viesse a ser um grande pintor.

Eis um quadro cujo acabamento só pecca pela superabundancia de retoques: Intitula-se

EM CAMINHO

Vae pallida de susto na viagem,
Sobre o cavallo contumaz que embrida
De quando em quando, a loira e bella Armida;
Sigo-a, segue-me após o lésto pagem.

Dens'umbroso sertão que a amar convida,
Ermo retiro, flórida paragem,
Tudo, através da lurida ramagem,
Cortamos, galopando a toda a brida.

Mas eis que um rio subito apparece,
Da estrada em meio, undoso derramado...
Susto a marcha aos corceis, o pagem desce,

Treme a dama, eu, que avanço, encosto-a ao flanco,
Emquanto n'agua o pagem salta ousado
E as redeas toma ao seu cavallo branco.

Ha aqui excesso de adjectivação, é evidente; ha cunhas inuteis e empregadas apenas para encher o molde poetico como todo este verso:

Ermo retiro, flórida paragem.

Mas, apezar de tudo, o quadro attrahe.

A materia d'este soneto daria bem para duas télas que emparelhariam uma com outra, completando-se, e com as quaes qualquer burguez adornaria gostosamente a sala de jantar com applauso unanime da esposa e das filhas, educadas ainda nos bons tempos do romantismo.

Se este soneto representa um vestigio d'essa velha escóla litteraria — vestigio que não é unico n'este volume de versos — ha alguns outros, com semelhantes disposições de quadro, e cujos assumptos o auctor pediu á antiguidade hellenica ou á inspiração shakespeariana.

A influencia dos parnasianos francezes transparece em muitas paginas. Constatamos esse facto, não accusamos o poeta.

Os sonetos *Sabor das lagrimas, A volta da galera, A janella de Julieta* e tantos outros, ahi estão denunciando a sua passagem pelo Parnaso moderno, d'onde desceu, deslumbrado, a implantar na terra brazileira o culto da arte pela arte, a adoração exclusiva da fórma, do estylo, das imagens.

Eis *A janella de Julieta:*

Esta é a alegre janella namorada,
Onde a meio ella á noite se reclina;
Eis o vaso com flôres, a estimada
Violeta murcha, a dhalia purpurina...

Essa odorosa essencia delicada
Vem d'esta mobil planta peregrina
Que o muro vinga, o peitoril domina
Em torsa, aerea e caprichosa escada.

Quando a lua destouca-se brilhante
Parte a primeira perola formosa
D'estes vidros no fulgido diamante;

E que enlevos então a vista gosa,
Vendo oscillar na camara elegante
Das cortinas a fórma vaporosa.

Alberto de Oliveira nunca fere a nota psychologica, não distingue o sujeito do mundo objectivo, o individuo do meio que sobre elle actúa, por isso nas raras vezes que procura ser humano, como nos sonetos *Contraste* e *Chuva e sol,* ainda assim não apanha mais do que a linha superficial, apenas o pretexto sufficiente para a harmonia rythmica das palavras.

Taine, o famoso critico, tratando da pintura ingleza nas suas *Notes sur l'Angleterre,* observa a enorme aptidão dos pintores para traduzir o

moral pelo physico e cita como exemplo o quadro de Johnston, *Lord e lady Russel recebendo a eucharistia.* "Lord Russel vae morrer no cadafalso, descreve elle; sua mulher encara-o com firmeza para saber se se reconciliou com Deus. Este olhar intenso de esposa e de christã é admiravel; está agora segura, tranquilla pela salvação de seu marido. Mas que pena que em vez de escrever, tenham querido pintar!„ A mesma exclamação, mas invertida, occorreu-nos mentalmente, por mais de uma vez, durante a leitura das *Meridionaes;* e crêmos poder applical-a com igual razão a muitos poetas modernos — parnasianos ou semi-parnasianos — que n'um limitado numero de versos encerram paysagens simples ou pequenos quadros perfeitamente acabados.

Sentimos ao lêl-os intima admiração pela belleza da estrophe, pela sonoridade e harmonia do verso, pela escolha da rima, pelo delicado das imagens; mas, exclamamos nós, que pena que em vez de pintar, tenham querido escrever!

Ah, se pintassem, que colorido, que belleza de linhas e de tons, que combinação de côres!

O dominio da pintura é bem differente do da poesia; é immensamente mais restricto, de uma natureza particular.

Que necessidade ha de confundil-os?

Para que hão-de os poetas empregar os pro-

cessos peculiares de uma arte diversa quando os processos da sua propria arte são muito mais ricos e muito mais aptos para fazer vibrar a alma humana?

Com a pericia de metrificação que possue Alberto de Oliveira, onde não irá, como poeta, se meditar profundamente nos destinos da arte moderna? Apanhou o segredo da factura, mas falta-lhe ainda a materia prima.

Illudido o ouvido pela harmonia musical das estrophes, seduzida a imaginação pela brilhante approximação das figuras, o poeta esquece o essencial — a ideia; e a ideia é a vida da poesia, nunca nos cansaremos de o repetir.

Entrai n'um dos grandes armazens de modas e olhai para os vestidos preciosos, feitos de sêdas finissimas, talhados em fórmas caprichosas, e postos com justeza e correcção em manequins que copiam perfeitamente as curvas femininas, e dizei-nos o que sentís. Ser-vos-hão indifferentes ou, quando muito, parecer-vos-hão bonitos.

Mas se, em vez de um manequim, estiver dentro uma mulher formosa, se em vez da lisura artificial de uma armação de madeira ou aço perceberdes sob a sêda o palpitar de um seio intumecido pelo sangue dos vinte annos, então, com certeza, sentireis uma sensação bem differente. O vestido não vos parecerá bonito, mas sim a mulher esplendida.

Tambem com a poesia succede o mesmo; o

estylo levantado, o rythmo sonoro, o colorido attrahente são condições excellentes, indispensaveis mesmo para se ser um grande artista, mas não são tudo; é preciso que sob a fórma irreprehensivel se sinta o latejar ardente da ideia.

Escusado será lembrar que as linguas se transfórmam e modificam com o decorrer dos tempos e portanto que as simples bellezas de linguagem se perdem, exactamente como o capricho das modas faz com que o vestido, que hoje nos agrada vêr no corpo da mulher que nos seduz, ámanhã nos parecerá velho, pretencioso ou ridiculo.

Com justificada razão observa Machado de Assis que uma parte dos defeitos, que se possam notar nos versos de Alberto de Oliveira, é devida ao "requinte mesmo do lavor„ e nunca a descuido do poeta. De facto, o excessivo esmero do estylo, a caça das rimas imprevistas, derrama amiudadas vezes sobre a obra de arte uma certa pallidez, que faz brotar no espirito do leitor a ideia de esforço e por conseguinte a fadiga e o desagrado intellectual que de ordinario a acompanha.

O requinte da fórma é um symptoma das épocas de decadencia, e, como se vê na historia de todas as litteraturas, anda sempre combinado com a ausencia ou a fraqueza das ideias. O periodo aureo de qualquer litteratura, antiga

ou moderna, foi constantemente aquelle em que se conseguiu o equilibrio da ideia com a fórma; o predominio d'aquella sobre esta, marca as phases ascencionaes, assim como o inverso, o esquecimento da ideia pelo cuidado demasiado do estylo, representa a decadencia litteraria. Os *parnasianos,* apezar dos protestos de alguns em contrario e dos ataques dirigidos por muitos contra os coripheus do romantismo, são os ultimos agentes da dissolução d'éssa escóla transitoria, d'onde procedem em linha recta.

O estylo, por mais primoroso que seja, se não vestir e adornar uma ideia, mas fôr simplesmente uma vacuidade sonorosa, um amontoado harmonico de vocabulos, perde de todo o encanto desde que se desça a uma analyse grammatical para conhecer, pezar e classificar cada um dos seus elementos. Assim se distinguirá o que é ouro de lei do que é apenas ouropel. Quanto maior fôr o vazio da ideia, tanto maior será a somma de membros inuteis introduzidos no discurso. No abuso da adjectivação consiste o recurso principal dos estylistas, dos cultores fanaticos da fórma.

Lêmos, ha poucos mezes, na excellente *Revue Indépendente,* um dialogo magistral de Letourneau sobre o emprego do adjectivo. Affirma elle que o grande numero de adjectivos redundantes "póde servir para julgar quasi ma-

thematicamente a pobreza da imaginação „. A sobriedade de epithetos é o caracteristico de quem está intimamente possuido de uma ideia e a pretende lançar ao publico.

Na poesia a profusão de adjectivos é o peior systema de cunhas. É claro que aquelles são necessarios, mas o seu desperdicio equivale a um defeito na obra de arte.

Ora os *parnasianos,* embora correctos na fórma, usam e abusam de epithetos. Alberto de Oliveira, como tivemos occasião de vêr, não representa uma excepção. Nas suas estrophes ha abundancia de cunhas; mas, — facto curioso, — n'uma das suas melhores poesias, onde a par da fórma se encontra a ideia, a qualidade das cunhas melhora, rareiam os adjectivos e superabundam os verbos, dando certa grandeza á concepção poetica. Leia-se a poesia a que nos referimos:

A TORRENTE

Da serra azul, onde a palmeira medra,
Onde paira a neblina, se deriva,
D'entre abertos lisins de esconsa pedra,
Um fio de agua viva;
Exiguo e frouxo, palmo a palmo, avança
Pela escarpada; a folha, de passagem,
Leva, rodeia os troncos, não descança,
Não pára na viagem.

Ora entre os lichens verdes serpentêa,
Corre entre os fetos, geme na fragura,
Ora caminho aberto em livre areia
Acha, — avança, murmura,
Desce, depois mais volumoso, arreda
Quanto encontra e, augmentado em cada fragua,
Recúa e salta, erguendo em cada queda
O seu pennacho d'agua;
Com a chuva engrossa, rue no chão da gruta,
Cascata agora, — a penedia bronca
Mina-a em redor, desloca-a, immensa e bruta,
Leva-a, espumeja e ronca;
A tudo investe, abala, desimplanta,
Destróe, derruba, na evulsão crescente,
E ruge das quebradas na garganta
A imperiosa torrente.
Negra socava, tetrica, soturna,
Treme e retumba; as aguas passam; — tudo
Geme, — os ninhos, a flôr, o antro, a furna,
Áquelle embate rudo.
No valle, emfim, torcendo a crystallina
Juba, se atira e em echos se propaga
A torrente caudal, e ora a campina
E as florestas alaga
Em rio audaz que as fertilisa e banha,
Calma agora volvendo as ondas fundas:
Pois, como a Ideia, as aguas da montanha
Querem ser livres para ser fecundas.

Como muitas outras poesias do auctor das *Meridionaes*, esta é um bello quadro, pintado com côres vivas e naturaes, porém, para servir a uma comparação:

... como a Ideia, as aguas da montanha
Querem ser livres para ser fecundas.

Tambem o talento de Alberto de Oliveira se tornará fecundo, se se libertar das preoccupações parnasianas para dar livre curso á expansão natural das ideias. Se tiver a coragem de o fazer, attingirá com facilidade o gráu de artista consummado.

III

VALENTIM MAGALHÃES

Entre os modernos escriptores brazileiros, um dos que gozam de melhor reputação — e reputação justamente alcançada — é Valentim Magalhães, o sensato critico das *Notas á margem*, na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro. Prosador elegante, é ao mesmo tempo poeta, figurando na primeira fila dos laureados. Ora é simplesmente na sua qualidade de poeta que pretendemos occupar-nos d'elle no presente esboço critico. Os documentos que nos servem de base são os *Cantos e luctas*, [1] volume de versos editado em 1879, e o poemeto *Colombo e Néné*,

---

[1] Valentim Magalhães — *Cantos e luctas*. — S. Paulo, 1879. — 1 vol. de 86 pag.

dado á luz no anno immediato. A dedicatoria do primeiro *Á Republica* indica-nos desde o começo que não é o auctor um dos sectarios da arte considerada em si mesma ou antes como o culto da fórma, da sonoridade estrophica. E, no entanto, ao percorrerem-se as folhas dos *Cantos e luctas* descobre-se em geral uma correcção parnasiana, — para nos servirmos da designação já quasi sacramental, — e até mesmo aqui e além um ou outro particularismo de escóla, denunciando a influencia, quer directa, quer mediata dos mestres francezes.

Que Valentim Magalhães pertence á grande corrente, que deriva de Victor Hugo, ninguem o póde contestar, mas a ella pertencem igualmente todos os contemporaneos, seja qual fôr o caminho especial que para si tomaram.

Catulle Mendès, disse: "No seculo dezenove, toda a poesia franceza, verdadeiramente digna d'este nome, deriva de Victor Hugo." É evidente que esta phrase, lida assim isolada, encerra uma enorme injustiça para com Lamartine e Musset, mas a ideia do auctor é verdadeira. Musset e Lamartine, duas glorias da poesia franceza no seculo actual, não procedem, de certo, de Victor Hugo; seria mesmo anachronico o suppôl-o, mas todos os poetas posteriores da França teem essa derivação, e nós, estendendo ainda o pensamento de Catulle Mendès, a todos os povos neo-latinos, podemos afoutamente

affirmar: toda a poesia moderna, verdadeiramente digna d'este nome, deriva de Victor Hugo. Estudo interessante a fazer seria de facto a genealogia da poesia contemporanea no descobrimento das relações dos principaes representantes da poesia em cada paiz com essa série de livros publicados successivamente e que teem por titulos: *Les Orientales, Les Voix intèrieures, Les Rayons et les Ombres, Les Chatiments, Les Contemplations, La Légende des Siècles, Les Chansons des rues et des bois, L'Année terrible, L'Art d'être Grand Père,* etc. Não bastam estes titulos para nos despertarem na memoria as feições caracteristicas de cada um dos ramos da poesia franceza nos ultimos cincoenta annos desde Theophile Gautier, desde Theodore de Banville e Leconte de Lisle até François Coppée, Sully Prudhomme e ainda até Richepin e Rollinat? Crêmos que sim. E em Portugal? E no Brazil?

A influencia de Victor Hugo não póde ser contestada, e essa influencia acompanha sempre, quando não é predominante, quando não se torna exclusiva, a exercida pelos poetas chamados parnasianos.

Em Valentim Magalhães parece-nos a influencia do mestre vencer a dos discipulos. E a este facto attribuimos a sua preoccupação de subordinar a arte a um ponto de vista determinado — a ideia politica. Devemos confessar que, as-

sim como não applaudimos a arte pela arte, tambem não podemos acceitar como principio a subordinação da arte á ideia politica. Esta é demasiadamente secundaria e transitoria e portanto impropria para animar de uma maneira duradoura qualquer obra de arte. O espirito vivificante das bellas artes, como das sciencias, quer consideradas em geral, quer cada uma em particular, tem de ser sempre, como o foi em todas as épocas historicas, a ideia philosophica — religiosa, methaphysica ou positiva — ou melhor ainda, o pensamento social e humano. Se os modernos poetas, como Valentim Magalhães, que possuem em tão elevado grau a aptidão para a factura do verso harmonioso, meditassem profundamente sobre as condições que deram a immortalidade a tantas obras primas, tanto na antiguidade, como na idade média e na renascença, crêmos que não seria muito difficil tanger a verdadeira nota poetica da época contemporanea, época que tão adversa parece ás musas e que tão desdenhosa se mostra para com os que ainda não abandonaram de todo a lyra pela proza ligeira do jornalismo absorvente e esterilisador.

Se passarmos a examinar de mais perto as poesias de Valentim Magalhães, descobriremos n'ellas tres direcções de espirito ou talvez, mais propriamente, tres influencias de differente natureza: — a satyrica, democraticamente demoli-

dora, de que são exemplos bem caracteristicos as poesias *Carta ao ex.mo barão de* * * * e *Velha historia;* a parnasiana a que pertencem os *Poemas da roça* e o poemeto *Colombo e Néné,* nos quaes facilmente se encontra o exaggero de colorido e a audacia das imagens, que será para muitos uma belleza, mas que nós julgamos um defeito de escóla, equivalente ao que no seculo XVII recebeu o nome de gongorismo; e emfim, a influencia doutrinaria, ora politica, ora social, que se sente por exemplo no *Prenuncio de aurora* e em *Os dous edificios,* talvez a mais bella poesia do auctor.

Da *Carta ao ex.mo barão de* * * * extrahimos os seguintes versos:

. . . . . .

Apenas pelo céo vinha rompendo a aurora
Fui logo passeiar pela cidade fóra,
Exhibindo contente á dôce luz do céo
Sobre a cabeça altiva o lucido chapéo!
O traste de um barão! de um nobre! d'um fidalgo!
Eu levava no porte a placidez de um galgo
E a bojuda vaidade, o orgulho varonil
De ter vosso chapéo, e de não ter ceitil...
Porém, que cousa estranha! á proporção que andava,
Sentia que o meu craneo aos poucos se apertava.
Como recebendo a rabida invasão
Das ancias do reptil em meio á escuridão.
Poesia, imaginar, inspiração, encantos,
Tudo fugiu de mim. Tantos negrores, tantos,
Encheram-me a cabeça, ha pouco jovial,
Que eu vi que do chapéo provinha todo o mal.

Tirei-o *incontinenti.* O placida frescura!
Vieste alliviar minha infernal tortura!
Percebestes, barão?...
Se acaso o meu chapéo,
Um velho chapéo, alto, assim como um trophéo,
'Stiver em vossa mão .. mandai-m'o que vos mando
O vosso, que apezar de muito venerando,
Ia-me embrutecendo, e de uma fórma tal,
Que quasi me tornava em irracional.
. . . . . .

Estes versos definem bem a primeira *maneira* do auctor. Da feição *parnasiana* damos para exemplo o seguinte soneto do capitulo dos *Poemas da roça,* intitulado

AO MEIO DIA

Saharico calor! Sangrento, iroso,
Na inflammada mudez do meio-dia,
O sol abraza e queima, e se incendia
O seu immenso disco, luminoso.

A colorida flôr que ha pouco abria
O seio jovial, ébrio de goso,
Agora desfallece no repouso
Da incandescente e morbida ardentia.

Semelha o sol, do furibundo Othelo,
A lamina sinistra do cutello,
Despedindo fataes scintillações.

As pedras, a planicie, os arvoredos,
E os orgulhosos, placidos rochedos,
Arquejam, como férvidos pulmões.

Vêde agora como ha n'estes bellos tercetos da poesia — *Os dous edificios* — a ideia social que os faz palpitar de inspiração e vida:

OS DOUS EDIFICIOS

Encaram-se de frente as duas construcções,
Uma é robusta e má, sinistramente austera,
Cheia d'essa mudez que esmaga os corações.

Parece de repente a estatua de uma fera.
A outra é como a flôr, as aves e as canções,
E lembra, em frente áquella, o inverno e a primavera.

É risonha e pequena, esbelta e festival:
A luz em frente á sombra, a fome em frente á esmola,
O Deus da Liberdade em frente ao Deus do Mal,

Victor Hugo fitando Ignacio de Loyola!
Era um contraste enorme, estranho, original!
Aquella é uma cadeia, a outra é uma escóla.

A cadeia é um vasto, um rigido edificio
Feito de ferro, pedra e maldições e ais,
Em que blasphema o crime e em que fermenta o vicio.

Os muros de granito, immoveis, colossaes,
Sepultam no seu ventre a dôr, o sacrificio,
A medonha explosão das raivas infernaes.

Na escóla bate o sol alegre, esplendoroso.
Saem de lá de dentro as vozes infantis
Como de um ninho quente um canto perfumoso.

Estão presos ainda os passaros gentis!
É quasi meio dia. Um velho criminoso,
Da cadeia, encostado, espreita nos gradis.

Tem a cabeça branca, as faces encovadas
E uns olhos de chacal. Encara de travez,
E ri-se de vagar com funebres risadas.

Entregava-se em moço ao jogo e á embriaguez.
Uma noute matou um homem ás facadas.
Depois foi atirado á noute das galés.

Encostada a cabeça aos ferros da janella
Quéda-se a meditar. Com triste lentidão
Passeia de espingarda ao hombro a sentinella.

Sôa um sino na escóla e logo a multidão
Das creanças sorrindo, alegre, tagarella,
Sae á rua, a gritar, pulando, em confusão.

Immovel na janella o velho condemnado
Os meninos contempla, alegres a correr...
E com um tom de voz, profundo, amargurado,

Murmura surdamente: "Eu nunca soube lêr!„

Dissemos que será esta talvez a poesia mais bella de Valentim Magalhães, e confirmamol-o; porém não é de certo a mais perfeita sob o ponto de vista da execução; o illustre poeta brazileiro podia e devia tel-a submettido a mais severa lapidação, tirando-lhe as pequeninas asperezas que por ventura a desfeiam e evitando por exemplo a repetição do adjectivo *alegre,* que por tres vezes se acha nos tercetos transcrip-

tos. São minucias quasi insignificantes para quem está absorvido por uma ideia, bem o sabemos, mas quando a factura do verso attingiu a perfeição, a que a elevaram os parnasianos, convém que ao brilho do pensamento se una intimamente a belleza immaculada da fórma, para que a poesia se torne uma obra prima. Só pela sólida alliança da fórma com o pensamento se poderá realisar o bello na arte. Valentim Magalhães, como em geral todos os poetas brazileiros, precisa não esquecer esta verdade. Se erram aquelles que sacrificam ou desprezam a ideia para só cuidarem da fórma, na realidade tambem não estão no campo da arte os que procedem do modo inverso, descurando da fórma por amor exclusivo da ideia. Os exaggeros são perniciosos.

Os *Cantos e luctas,* revelando em Valentim Magalhães um poeta de talento, contrahiram para com o publico um compromisso que por'ora não foi satisfeito, mas que, segundo esperamos, sel-o-ha em breve. Esse compromisso é a publicação de uma nova collecção de poesias, onde Valentim Magalhães accentue de uma maneira definitiva o seu ponto de vista artistico, dando uma orientação segura e traçando o verdadeiro caminho ás modernas gerações litterarias do Brazil. O distincto escriptor brazileiro possue todos os elementos indispensaveis para a realisação d'essa obra, como são a aptidão desenvol-

vida para a boa harmonia do verso e da estrophe, o bom senso critico para a escolha dos assumptos e a convicção de que a arte precisa, para vivificar, de um pensamento ou de uma ideia que hoje não póde ser outro senão o amor da humanidade.

IV

ENTRE PARENTHESIS

Valentim Magalhães, um dos mais distinctos escriptores da moderna geração brazileira, acolhendo amavelmente estes nossos despretenciosos folhetins, escreveu na *Gazeta de Noticias* alguns periodos honrosissimos para nós, dizendo a proposito da apreciação das *Symphonias*, de Raymundo Corrêa, que subscreveria o nosso trecho de critica, se houvessemos "sentido melhor a suave melancholia, a delicada impressionabilidade da alma d'esse poeta *exquis*, de curto folego talvez e de imaginação pouco atrevida, *mas inimitavel interprete de certos estados d'alma* e de certos aspectos da natureza, em que dominem os sentimentos calmos e delicados e as meias tintas, os tons médios — as symphonias melancholicas e lentas".

Este periodo obrigou-nos a pensar. Recordamo-nos do que temos lido em differentes criticas ácerca de outros poetas de grande nome, como por exemplo de alguns parnasianos francezes, cujos versos, enthusiasticamente saboreados por muitos, nos parecem frios, extravagantes, mesmo futeis. Lembramo-nos ao mesmo tempo do desdem com que temos visto tratar ás vezes um poeta cheio de vida e de sentimento, que consideramos hoje o primeiro poeta da França moderna — pois Victor Hugo já pertence ao passado — um poeta que ao lado do poema philosophico *La Justice,* tem esplendidas collecções de versos, como *Les Épreuves* e *Les Vaines Tendresses.* Referimo-nos a Sully Prudhomme, cujas poesias, admiravelmente cinzeladas, possuem suavidade infinita interpretando certos estados da alma, desconhecidos indubitavelmente do vulgo, mas frequentes nos espiritos essencialmente philosophicos.

De todas as precedentes approximações concluimos que, no meio da anarchia mental e moral das sociedades contemporaneas, as modalidades psychicas variam infinitamente desde o gráu normal, produzido pela cohesão e coordenação dos pensamentos, sentimentos e actos, segundo a marcha evolutiva da humanidade, até aos ultimos gráus anormaes, filhos da confusão e do mal estar intellectual, e que representam de facto estados morbidos, excepcionaes

ou pathologicos. Os que mais soffrem com a crise intellectual e moral por que passamos, pertencem á *élite* dos espiritos, aos dotados de melhores aptidões artisticas, e d'ahi o perderem-se naturalmente em requintes de um sentimentalismo anormal, impenetraveis quasi sempre para quem não tem com elles certa affinidade espiritual.

Ha tantas maneiras differentes de sentir, quantos são os estados da alma. Porém, nem todas podem dar igualmente ás obras de arte o cunho preciso para sobreviverem á época e ao auctor. Para o conseguirem, é indispensavel o accordo dos sentimentos do poeta com a evolução humana. Os productos de uma phase social transitoria, em que predomina na maioria dos espiritos a incongruencia anarchica e dissolvente, estão condemnados por sua natureza a um esquecimento prematuro. Só escapam aquelles que foram inspirados pelo sentimento da verdadeira direcção do desenvolvimento humano, quando os seus auctores ostentam um talento real a par do conhecimento intuitivo ou positivo da marcha da humanidade.

No momento actual não só atravessamos uma revolução no dominio das ideias, como tambem no dominio dos sentimentos. Se muitos se perdem em veredas occultas e tortuosas na passagem do velho sentimentalismo para o sentimentalismo moderno, outros ha mais felizes ou

melhor dotados de senso critico que se lançam afoutamente no caminho recto, tomando por ponto de mira o indicado pelo conjuncto da evolução historica. Descobrem estes *uma nova maneira de sentir* como muito bem viu Maurice Barrés no seu estudo sob este titulo ácerca de Lecomte de Lisle e Sully Prudhomme, publicado na revista *Les taches d'encre.*

Com effeito, o espantoso desenvolvimento scientifico e industrial do nosso seculo trouxe-nos uma nova maneira de sentir, embora pese aos retardatarios que não comprehendem outro sentimento que não seja a pieguice banal do romantismo. Frequentes vezes ouvimos accusar os novos poetas — scientificos ou philosophicos — de não terem a minima parcella de sentimento, de serem dirigidos pela ideia e de fallarem sómente ao espirito e não ao coração. Põem a historia ou a sciencia em verso, dizem sentenciosamente, sem perceberem que os progressos historicos e scientificos crearam uma nova maneira de sentir, porque elles se conservam estacionarios, retrogados no sentimento como nas ideias. E, sem duvida, não é historia em verso, não é sciencia em verso, os sentidos e bellos poemetos de M.me Ackermann, a grande e inimitavel poetisa franceza, de Bartrina, o malogrado poeta que seria hoje o primeiro de Hespanha, se a morte o não rouba tão cedo, e de Theophilo Braga, o auctor da vasta e so-

berba epopeia que se chama *Visão dos tempos.* Leia-se, por exemplo, no ultimo volume de versos de Theophilo Braga — *Miragens seculares* — o magestoso hymno — *O Firmamento.* Eis algumas estrophes:

. . . . . .

Como se abarcam dois athletas fortes,
Peito a peito, oscillando n'um vae-vem,
Ambos iguaes no embate, como cohortes
Que se esmagam no espaço que as retem,
Trocando os fundos córtes;
Cahos e Cosmos, soltos degladéam,
Assim como os irmãos quando se odeiam,
Como no mytho lucta o Mal e o Bem!

Rompe a continua e indomita refrega,
Ribombando na gélida amplidão:
Cahos rue, a Materia desaggrega;
No vórtice da ignota repulsão
Eis, frouxa, vã se entrega!
No cadinho que as cousas gazifica
Estrellas, sêres, tudo identifica,
A luz, o pensamento, a aspiração.

Da inerte massa até á Consciencia,
Da volição até á viva luz,
Tudo volta á recondita imanencia,
A fórma ao amorphismo se reduz:
Nem substancia ou essencia
Já distingue os esparsos elementos;
Como varrem os areiaes os ventos
O átomo intangivel se produz.

. . . . . .

Quem ousará, depois d'isso, negar a realidade de um sentimento moderno correspondente ao moderno desenvolvimento scientifico e philosophico?

A maioria dos *parnasianos* — sem exceptuar os brazileiros — não attingiram ainda o ponto de desabrochamento da nova maneira de sentir, apezar de reconhecerem já a decadencia do sentimentalismo romantico, cahido desde bastante tempo no convencional e no falso. Sem uma rigorosa instrucção positiva, que os oriente no sentido dos progressos humanos, intellectuaes e moraes, inutilisam-se em requebros melodiosos, tomando o rythmo pela ideia, e chegando á affirmação extraordinaria de que um verso sonoro contém sempre em si mesmo um pensamento, ou concentram-se n'um recanto de alma humana, explorando, até ás mais imperceptiveis modalidades, uma nota psychica mais ou menos pathologica. São estes os poetas subtis, *raffinés, exquis,* ou como lhe quizerem chamar. Nós, reconhecendo em muitos d'elles superior intelligencia e mesmo talento, não podemos — com franqueza o confessamos — sentir como elles sentem, interpretar a natureza como elles a interpretam.

Quem estará mais proximo da verdade: elles, como artistas, pondo em prática, com superior mestria, todos os processos da arte poetica, mas, sacrificando a paixão e o pensamento, ou nós,

como critico, admirando a perfeição dos moldes, mas ao mesmo tempo ousando affirmar que não possuem a consistencia propria das grandes obras primas, o *ideal* que é para a poesia como o toque para as moedas de ouro? O tempo encarrega-se de dar razão a quem a tiver. Para elle appellamos.

Não fecharemos agora este parenthesis sem transcrever, como simples curiosidade, um trecho que se refere á nossa humilde pessoa e que se nos deparou no n.º 14 da *Semana*, interessante publicação dirigida por Valentim Magalhães. É assignado pelo snr. Ambrosio Severo e faz parte de uma critica a um volume de versos. Depois de dizer que "em poesia, querem-se ideias, como em toda outra manifestação do espirito", observa: "A ideia, é preciso que se note, não está em decantar-se os defeitos d'este ou d'aquelle governo, como parece entender erradamente o snr. Teixeira Bastos, que applaude tudo quanto se diz contra os monarchas, mesmo em versos máus..."

Os leitores, que teem tido a amabilidade de passar a vista por estas nossas ligeiras criticas, acham-se demasiadamente aptos para se ássombrarem deante da perspicacia do illustre escriptor brazileiro, que nos fez a subida honra de nos emprestar opiniões oppostas ás que sempre temos sustentado, e que nos viu applaudir o que mais de uma vez temos condemnado. Não

diremos que o snr. Ambrosio Severo *parece entender erradamente* a nossa humilde prosa; preferimos crêr que s. exc.ª nunca se dignou lêl-a e crêmol-o piamente.

V

FONTOURA XAVIER

N'uma das melhores revistas que actualmente se publicam em França e cuja fundação se deve a Benoît Malon, o auctor da excellente *Histoire du Socialisme,* lêmos ha pouco um bello artigo ácerca de *Les formes de l'art et le socialisme,* onde achamos plenamente confirmadas as opiniões que temos expendido n'estes modestos folhetins sobre a anarchia artistica do momento presente.

"Ha completo divorcio entre a intelligencia collectiva... e a personalidade esthetica que procura no vasio do cerebro o seu caminho." Perdeu-se o ponto de vista geral, universal, e o artista, sem orientação segura, tendo necessidade de buscar elementos novos para as obras litterarias, viu deante de si duas tarefas a que

espontaneamente se lançou. "Uma tendia a lançar uma especie de geographia do Eu, que ousadamente explorou, descobrindo nuances, fundos falsos, transparencias debaixo da propria espessura do espirito e devorou-se de metaphysica psychica ou carnal. A outra alcançou a construcção pessoal de um bello artificial, de uma Fórma variavel, movimentada, alambicada, correcta, mas magra e digna de ser comprehendida só por um dom de intelligencia. A theoria da *Arte pela Arte* foi depressa acceita, e difundida.„ N'estas palavras caracterisa admiravelmente Jean Lombart a phase anarchica da litteratura contemporanea em que predominam os *parnasianos* de todos os paizes, e que é, nem mais nem menos, do que uma consequencia logica do estado social de nossos dias, como ainda observa o illustre collaborador da *Revue Socialiste:*

"Scientificamente, a theoria da Arte pela Arte, diz elle, não póde explicar-se, tanto como a creação dos sêres sem meios physicos, tanto como o encadeamento das ideias sem sensações exteriores. — A *Arte pela Arte* é uma entidade que se liga ao nosso individualismo politico e economico e que o altruismo futuro, socialisando a producção, universalisando o poder, fazendo nascer uma Fé e uma Arte adequadas ás necessidades cerebraes do porvir, esvasiará como um balão cheio de vento.„

Eis o destino reservado a todas as obras de arte que não se inspirarem n'um sentimento humano e social. A humanidade na sua concepção mais lata, mais ampla, mais geral, tem sido sempre, e será sempre, a fonte perenne, inexgotavel, das obras primas. Assim o comprehende tambem Annibal Falcão no excellente preambulo com que abre o livro de versos de Fontoura Xavier — *Opalas,* [1] e a este ponto de vista sujeita a analyse critica das poesias. "A falta mais grave de toda a litteratura contemporanea, escreve o illustre auctor brazileiro, consiste em confundir os diversos elementos da elaboração artistica, dando proeminencia aos dois inferiores, isto é, ora á expressão, ora á observação. D'esta fórma, é prejudicada a idealisação, — operação essencial da poesia, embora toda a synthese poetica deva repousar sobre a observação da existencia real."

As *Opalas,* producto do tempo e do meio em que o auctor vive, traduzem a influencia das varias escólas litterarias hoje predominantes; mas o seu grande merito está em que talvez melhor, do que as poesias de nenhum outro, dos que temos lido ultimamente, se approxima

---

[1] Fontoura Xavier — *Opalas* — MDCCCLXXXIV. Editores Carlos Pinto & C.ª—Pelotas e Porto Alegre.—1 vol. de 144 pag.

de um ideal humano, grandioso e profundamente social. O poeta fere por vezes a nota do verdadeiro sentimento da esthetica moderna. Annibal Falcão notou-o no seu prologo: "Ao par da sua metrificação correctissima e do seu estylo brilhante, elle tem ainda uma alta qualidade, a nosso vêr, a mais recommendavel de quantas possue: é a tendencia, o grande ardor social que se revela nas suas poesias." Que poderemos nós accrescentar á opinião do distincto critico brazileiro? Estamos de pleno accôrdo, mesmo quando affirma que Fontoura Xavier "é um adepto da varia poetica dominante" e "como tal, as suas qualidades e os seus defeitos são communs á totalidade dos poetas contemporaneos." Se n'elle se revela uma tendencia mais forte do que na maioria dos poetas brazileiros para a poesia social, parece-nos que não é devida a uma concepção definida do que deva ser a Arte poetica — *a Poesia do futuro,* iamos nós escrevendo; mas ás ideias politicas, republicanas e anti-religiosas, que o auctor professa, e á influencia exercida sobre o seu espirito pelos escriptores da mesma communhão democratica.

As poesias de Fontoura Xavier, tanto no seu conjuncto, como na variedade dos assumptos, fazem-nos recordar as de um poeta portuguez de merito real, ha poucos annos fallecido, que tambem se impressionara com as moder-

nas tendencias da arte para o campo social e humano, sem se erguer igualmente á verdadeira theoria esthetica. Alludimos á *Alma Nova* de Guilherme de Azevedo. N'esse volume de versos, como nas *Opalas,* ha um fundo sombrio e melancholico de scepticismo, d'onde se destacam gritos de dôr das miserias humanas e brados de revolta contra as instituições corruptoras e desmoralisadas que nos governam.

Leiam-se, por exemplo, nas *Opalas,* as poesias *O imperador em Minas, Fiat lux, A morte de Gèrard de Nerval, Pomo do mal, Nevrose, A mulher que ri,* e sentir-se-ha n'ellas o mesmo sôpro ironico e triste que inspirou a Guilherme de Azevedo tantas das suas bellas paginas da *Alma Nova.* Não é uma imitação; é simplesmente a mesma corrente de ideias e de sentimentos. Não denunciamos uma cópia, pois que tal cópia não existe! Apenas caracterisamos uma tendencia commum nos dois poetas.

Transcrevemos um soneto de Guilherme de Azevedo:

Eis a velha cidade! a cortezã devassa,
A velha imperatriz da inercia e da cobiça,
Que da torpeza acorda e á pressa corre á missa,
Baixando o olhar incerto em frente de quem passa!

Ella estreita no seio a velha populaça,
Nas vis dissoluções da lama e da preguiça.
E nunca o santo impulso, o grito da Justiça,
Lhe fez estremecer a fibra inerte e lassa!

E póde receber o beijo e a bofetada
Sem que sinta o rubor da colera sagrada
Accender-lhe na face as duas rosas bellas!

Sómente d'um sorriso alvar e deshonesto,
Ás vezes, acompanha o provocante gesto
Quando sôa a guitarra, á noite, nas viellas!

Vejamos agora outro de Fontoura Xavier, por exemplo, o que se intitula

NEVROSE

N'essa tristeza morbida, secreta,
Que te afugenta as sombras do repouso.
Eu vejo a hypocondria, a febre infecta
— Florescencias do pantano do gozo.

Por uma noite de luar repleta,
Eu, comtudo, quizera, fervoroso,
Sentir pulsar esta paixão discreta
No bronze do teu seio tormentoso!

Depois... morrer! beijando como o pária
Na liça da peleja sanguinaria
A mortalha de lôdo em que se cóse!

És o perfume negro, a flôr do pasmo,
Que no silencio morno do marasmo
Faz-me sonhar os éstos da nevrose!...

Não será, porventura, a mesma inspiração bebida n'um meio semelhante, meio inteiramente dissolvente, onde a moral e a intelligencia

se encontram sem norte á mercê de todas as virações no vasto oceano de scepticismo, de descrença e de duvida?

Para Fontoura Xavier

... a Justiça é o sol da Nova Ideia,
A Musa varonil da homerica epopeia!

É *ella* quem lhe faz vibrar na lyra os seus cantos mais energicos, *ella,* a Justiça, a palavra vaga e indefinida da metaphysica revolucionaria.

Tiradentes é uma das suas melhores composições poeticas e uma das que mais se approximam do ideal social que deve animar os artistas modernos É ainda em nome da Justiça, *da boa mãe,* que pede para Tiradentes a apotheose.

Justiça, ó boa mãi! no julgamento extremo
Tu nunca lançarás o anathema supremo
Como um labéo de morte á face dos heroes...

Descerra o Pantheon. acende o alampadario
E leva aquelle morto ao fóco planetario
D'essa constellação phantastica de sóes.

Na poesia *O velho deus* percebem-se tendencias accentuadas para a poesia historica e philosophica, a que na actualidade mais se orienta pela evolução da arte e portanto a que mais probabilidades tem de vida na phase social para que rapidamente caminhamos.

Eis algumas estrophes:

Sumiu-se a noite, a negra taciturna,
Illuminou-se o ar;
Lá vem o sol como um leão da furna
Descrevendo a parabola diurna
Aos rythmos do mar!

És o mesmo das éras triumphantes,
Quando entravas nas furnas que eram casas,
E zurzias o dorso dos gigantes
Com raios flammejantes
Como styletes de crystaes em brazas;

Quando á tarde pairavas pelos montes,
Rubro e sangrento como vens aos tropicos,
Espadanando luz nos horisontes
E bebendo nas fontes
Tintas de sangue dos heroes cyclopicos,

Nós, sim, não somos d'essa raça inteira
Que, n'um templo mais vasto, no infinito,
Sagrava-te aos clarões de uma fogueira
A divindade unica e primeira,
O Jehovah do rito;

Filhos bastardos de titans immensos,
Fizemo-nos tão grandes, tão atheus,
Que mal ascende o fumo dos incensos
Julgamo-nos suspensos
Além dos mundos tacteando Deus.

. . . . . .

Sempre tens um pedaço do teu manto,
Um farrapo de luz para a miseria!
E eu nunca vi a purpura de um santo
Enxugar um só pranto
Ou cobrir uma chaga deleteria!!

Se o poeta das *Opalas* tomar esta direcção, crêmos que prestará um importante serviço ao movimento litterario do Brazil, dotando a litteratura nacional de cantos soberbos e dignos de uma vida mais longa do que a da geração a que pertencemos, geração que tem a infelicidade de não estar ainda bastante desprendida dos preconceitos e convenções do passado, de não vêr já firmemente assentes os fundamentos da civilisação futura.

VI

THEOPHILO DIAS

Uma phrase muito em voga, mas quasi sempre impropriamente applicada, tem inteiro cabimento com referencia ao auctor das *Fanfarras* [1].

Theophilo Dias é um poeta de raça.

Sobrinho do grande lyrico Gonçalves Dias, parece ter herdado d'elle o estro poetico e a aspiração de gloria. Da moderna geração brazileira é, talvez, o que mais directamente deriva da corrente romantica, profunda e bellamente sentida no Brazil, por Gonçalves Dias, por Castro Alves, por Casimiro d'Abreu, por Alvares

---

[1] Theophilo Dias — *Fanfarras* — editor Dolivaes Nunes, 18, rua do Imperador, 18, S. Paulo — 1882 — 1 volume de 102 paginas.

d'Azevedo, por Junqueira Freire, dos quaes é um continuador de talento, e não um imitador vulgar como tantos outros. Theophilo Dias, descendendo em linha recta dos lyricos distinctos da época romantica, acompanhou a evolução da poesia, mas inspirando-se de preferencia no lyrismo nacional e nos poetas predilectos de seus maiores, Victor Hugo, Quinet e Heine e, sobretudo Baudelaire, em vez de se ligar, como a maioria dos contemporaneos, ás transições da poesia franceza desde Theodoro de Banville e Leconte de Lisle a Rollinat e Richepin. Este facto dá aos versos de Theophilo Dias um sabor mais nacional e uma emoção muito forte e verdadeira. Não é um *parnasiano,* embora possua, como elles, o esmero da fórma.

Occupando-se das *Fanfarras,* diz Theophilo Braga [1] que "quando se abre um volume de poesia brazileira, por mais desconhecido, ha sempre a esperança de encontrar um trecho lyrico de inspiração viva, de uma paixão eloquente, que se destaca d'entre as imitações reflectidas de escólas anarchicas, que não tendo uma ideia philosophica da arte, a amesquinham na perfeição technica do verso, a cujos adeptos se dá o nome de *parnasianos.*„ Ora, encontram-se no

[1] *Revista de Estudos livres,* 1884-1885, pag. 153.

volume de Theophilo Dias alguns d'esses trechos lyricos? Ouçamos o mestre: "Ao cahir-nos na mão o pequeno livro das *Fanfarras,* cujo titulo exprime o lado exterior, ruidoso e sonoro da poesia contemporanea, deparamos com um poemeto, que define o merito artistico do seu auctor, e que nos leva a augurar a superioridade da sua vocação. Esse poemeto intitula-se *A Matilha;* elle vale todo o livro, ou por outra, o livro não tem mais nada, mas tambem em toda a poesia brazileira não ha uma composição mais exaltada e ardente como a sensualidade juvenil que ressumbra n'esse canto. *A Matilha* é uma imagem desenvolvida, em que o instincto da ferocidade sanguinaria se identifica com o da impetuosidade sexual."

Eil-a:

A MATILHA

Pendente a lingua rubra, os sentidos attentos,
Inquieta, rastejando os vestigios sangrentos,
A matilha feroz persegue enfurecida,
Allucinadamente, a presa mal ferida.

Um, afitando o olhar, sonda a escura folhagem;
Outro consulta o vento; outro sorve a bafagem,
O fresco, vivo odôr, calido, penetrante,
Que, na rapida fuga, a victima arquejante
Vae deixando no ar, perfido e traiçoeiro;
Todos, n'um turbilhão phantastico, ligeiro,

Ora, em vortice, aqui se agrupam, rodam, giram,
E, cheios de furor frenetico, respiram,
Ora, cégos de raiva, affastados, dispersos,
Arrojam-se a correr. Vão por trilhos diversos,
Esbraseando o olhar, dilatando as narinas.
Transpõem n'um momento os valles e as collinas,
Sobem aos alcantis, descem pelas encostas,
Recruzam-se febris em direcções oppostas,
Té que da presa, emfim, nos musculos cançados
Cravam com avidez os dentes afiados.

Não de outro modo, assim meus soffregos desejos,
Em matilha voraz de allucinados beijos,
Percorrem-te o primor ás languorosas linhas,
As curvas juvenis, onde a volupia aninhas,
Frescas ondulações de fórmas florescentes
Que o teu contorno imprime ás roupas eloquentes:
O dorso avelludado, electrico, felino,
Que poreja um vapor aromatico e fino;
O cabello revolto em anneis perfumados,
Em fofos turbilhões, elasticos, pesados;
As fibrilhas subtis dos lindos braços brancos,
Feitos para apertar em nervosos arrancos;
A exacta correcção das azuladas veias,
Que palpitam, de fogo entumecidas, cheias,
— Tudo a matilha audaz perlustra, corre, aspira,
Sonda, esquadrinha, explora, e anhelante respira,
Até que, finalmente, embriagada, louca,
Vae encontrar a presa, — o goso — em tua bocca.

"Simplesmente bello! accrescenta Theophilo Braga, — Theophilo Dias achou esta relação profunda entre o mundo physico e o mundo moral. Já Catullo ficou inexcedivel n'essa odesi-

nha ao *Pardal de Lesbia,* descrevendo a inveja das mordedellas que elle dava nos dedos da sua dona; e Lope de Vega, no soneto ao melro de Lucinda, que volta para a gaiola, vendo-a chorar!„

Deviamos talvez limitar-nos a repetir: Bello, simplesmente bello!

Mas não; levantemos uma phrase das que deixamos transcriptas do nosso bom amigo e mestre Theophilo Braga e tentemos explical-a, pelo menos interpretemol-a segundo o nosso modo de vêr. Diz elle do esplendido poemeto: "elle vale todo o livro, ou por outra, o livro não tem mais nada...„ Na realidade quem, depois de lêr *A Matilha,* e ainda fortemente emocionado por esse hymno delirante da paixão, tentar devorar de um folego as *Fanfarras,* tem por força de desistir do intento ás primeiras paginas por lhe parecerem pallidas e desmerecidas, quando são apenas menos brilhantes.

É a mesma impressão que se sente ao passar-se de um salão illuminado por grandes jorros de luz electrica para um jardim onde a illuminação é feita por balões venezianos; nos primeiros momentos parecer-vos-ha ás escuras.

A Matilha é a obra prima de Theophilo Dias; *vale,* de facto, *todo o livro,* porque *o livro não tem mais nada* de tal grandeza. Ha, no emtanto, nas *Fanfarras,* a par da desorientação baudelairiana, poesias de merecimento, em nadá in-

feriores ás melhores dos melhores poetas brazileiros contemporaneos. Leiam-se, porém, quando da *Matilha* não houver no espirito senão longinquas reminiscencias. O seguinte soneto, por exemplo, é de uma delicadeza encantadora, que nos traz á memoria um pouco os primeiros versos de Sully-Prodhomme:

SAUDADE

A saudade da amada creatura
Nutre-nos na alma dolorido goso,
Uma ineffavel, intima tortura,
Um sentimento acérbo e voluptuoso.

Aquelle amor cruel e carinhoso
Na memoria indelevel nos perdura,
Como acre aroma absorto na textura
De um cofre oriental, fino e poroso.

— Entranha-se; invetera-se; — de geito
Que do tempo ao volver, lento e nocivo,
Resiste; — e ainda mil pedaços feito

O ligneo carcer, que o retem captivo,
Cada parcella reproduz perfeito
O mesmo aroma, inalteravel, vivo.

Temos fallado da primeira parte do livro, a que o auctor deu por titulo *Flores funestas*, e onde, apezar da influencia de Baudelaire, ha muito de apaixonado e de sentido, como pro-

vamos com a transcripção da *Matilha* e da *Saudade*. A segunda parte intitulou-a *Revolta*, e representa o reconhecimento feito pelo poeta de um novo mundo, de uma nova civilisação, que se approxima, e que ha-de transformar os ideaes da arte, do mesmo modo que transfórma as doutrinas philosophicas e as instituições sociaes.

O pensamento audaz, esquadrinhando os mundos,
Calcinou, sulco a sulco, os germens infecundos
Da divina semente, esteril e vazia.

Theophilo Dias dá-nos, n'esta segunda parte das *Fanfarras*, poesias de tendencia social muito dignas de nota, como o soneto *A Cruz*, a que pertence este terceto e a poesia *O seculo caminha*, que termina com a seguinte estrophe:

O seculo caminha. Os cadafalsos velhos
Ruiram. Das nações os varios evangelhos
Rasga-os, folha por folha, a garra de Satan:
E os livros feitos pó, virá uma só crença,
E unidos se verão n'uma harmonia immensa
Os crentes de Jesus, de Buddha e do Koran.

N'outras, como aquella com que fecha o volume — *O rio e o vento* — procura attingir a relação entre o mundo physico e o mundo moral n'uma ordem de sentimentos mais latos e mais

levantados, do que os que são cantados na sua obra prima, mas devemos confessar que foi menos feliz, não conseguiu ainda achar a superioridade sublime que tocou na soberba poesia — *A Matilha.* N'este genero de poesias que fórmam a parte da *Revolta,* perdeu Theophilo Dias o ardor, o enthusiasmo, o arrojo que faz com que os seus versos palpitem, vivam, sob a inspiração febril da paixão, sob o delirio e a loucura do amor. Ahi parece-nos convencional, de uma correcção estudada, trabalhada, que nos deixa descontentes e frios. E, no emtanto, o veio da inspiração poetica do futuro é esse mesmo, essencialmente social e humano. Theophilo Dias bebeu n'elle, porém, sómente com a curiosidade do caminhante que passa ao lado do regato e não com a furia do sedento. Faltou-lhe a emoção, a força litteraria que só póde provir do sentimento e da convicção, sentimento adquirido pelo accordo entre o desenvolvimento intellectual da sociedade e o desenvolvimento moral do individuo; e convicção filha do conhecimento das circumstancias que actuam sobre a evolução humana n'um momento dado.

Theophilo Dias, que, sem exaggero, qualificamos de um dos primeiros lyricos do Brazil contemporaneo, virá ainda a conquistar logar mais proeminente na litteratura patria pela adopção sincera dos novos ideaes na poesia?

Eis um problema que não nos é dado resolver. O futuro o dirá. Temos, comtudo, fundadas esperanças [1].

---

[1] Infelizmente Theophilo Dias morreu, como muitos outros lyricos brazileiros, na flôr dos annos, antes de poder dar cumprimento á promessa que nos fazia o seu bello talento, alimentando no nosso espirito esperanças de que viria a ser o primeiro lyrico do Brazil.

VII

MUCIO TEIXEIRA

Desde longo tempo que consagravamos a Mucio Teixeira uma admiração incondicional e não haviamos ainda lido nenhuma de suas obras poeticas, as brilhantes collecções que se intitulam *Novos ideaes* [1] e *Prismas e vibrações* [2]. A nossa admiração, justa em verdade, provinha sómente da leitura de uma de suas poesias, transcripta por uma folha politica de Lisboa,

---

[1] Mucio Teixeira — *Novos ideaes.* — Poesias com introducção do dr. Sylvio Romero. — Rio de Janeiro. — Typographia Nacional, 1880 — 1 vol. de 310 pag.

[2] Mucio Teixeira — *Prismas e Vibrações.* — Poesias. 1 edição especial, 1882 — 1 vol. de 216 pag.

mas poesia que vale bem milhares e milhares de volumes, que é a revelação de um talento talvez de primeira ordem, de um poeta de superior merecimento.

Recentemente tivemos occasião de lêr, graças á amabilidade do joven auctor brazileiro, aquellas duas collecções de versos, e n'ellas encontramos muitas poesias dignas de nota, porém nenhuma que deixasse no nosso espirito a impressão agradavel e indestructivel da *Ironia da Estatua,* poesia a que nos referimos e que com immenso prazer relêmos nos *Prismas e vibrações.* É a obra prima de Mucio Teixeira e um dos trabalhos mais vigorosos e duradouros da moderna poesia brazileira. É simplesmente esplendida.

Á concepção da poesia, na realidade soberba, corresponde o relevo da execução. Difficilmente resistimos aos desejos de a transcrever na integra. A sua extensão inhibe-nos de o fazer. Vamos, porém, resumir a ideia brilhante que lhe serve de alma, transcrevendo alguns dos trechos mais salientes. A rainha Catharina da Russia encommendára a Houdou uma estatua de Voltaire; quando esse "soberbo prodigio de esculptura" se concluiu, tinha morrido já a imperatriz e reinava um de seus successores, que mandou collocar a estatua em qualquer recanto affastado do palacio, de modo que nunca a visse. Mas...

Annos depois, ouvindo o Imperador
Rugir a plebe, em baixo, nas muralhas.
Ergue-se com valor
Afim de impôr silencio aos vis canalhas...
Por um sombrio corredor avança.
Indo de encontro a um vulto erguido ali;
Que o ferira na fronte...

Atroz lembrança
Corre-lhe pela mente régia e fátua...
Contempla, mudo, a solitaria Estatua:
E a muda Estatua solitaria — ri!

O imperador furioso manda que a ponham n'outra parte ou a façam em pedaços:

... "Não quero nos meus paços
A figura fatal que ri de tudo..."

Incendiou-se um dia um torreão do palacio, e as chammas e o desabamento apresentavam um espectaculo attrahente para os Neros.

Corre contente o bravo Imperador
Ao salão do castello do Levante:
Mas, afastando o reposteiro... Horror!
Horror! N'aquelle instante:
— Aos vivos reverberos
Da chamma rubra, intensa, extraordinaria,
De novo ao pé de si
Contempla, mudo, a Estatua solitaria:
E a muda Estatua solitaria — ri!

De novo removem a estatua, e d'esta vez para um canto, atraz da galeria.

Chega uma noite ao imperador a noticia da derrota da batalha d'Alma e elle tremulo, insoffrido...

... machinalmente, foi andando
D'um para o outro lado:
Por um extenso corredor passando,
Entra emfim n'um salão abandonado.

De repente... estremece, olha... e recúa,
Como se a propria sombra o assustára:
Batia a luz da lua
N'um pedaço de pedra de Carrára...
— A figura phantastica do pária
Estava ali, por traz da galeria;
Fitou, chorando, a Estatua solitaria:
E sempre a Estatua solitaria — ria!

Já era de mais! Mas o ministro observa-lhe:

... Seria atroz peccado
O destruir-se este prodigio d'arte;
Demais, a Imperatriz...
"Basta!„ E cobrando novamente a calma:
Olha, conserva-o, porém n'outra parte..
— Se soubesses que funda cicatriz
A ironia da Estatua abriu-me n'alma!

O ministro então:

— Mandou depositar-a no salão
Onde a Bibliotheca Imperial
Jazia entregue ás eruditas traças...

Que ironia pungente, mas profundamente bella! Que indissoluvel ligação entre o sentimen-

to e a ideia, entre a fórma e o pensamento! Mucio Teixeira attingiu n'este poemeto a nota do sublime.

E, porventura, ousará ainda alguem contestar que a historia do espirito humano, a evolução da humanidade, a philosophia, emfim, são veios auriferos inexgotaveis para os modernos poetas? *A Ironia da Estatua* é um documento primoroso, debaixo d'este ponto de vista. Só por si este poemeto vale bem todas as obras do illustre escriptor brazileiro. Pertence áquelle genero de poesia da historia, inaugurado em França por Victor Hugo com a *Legende des Siècles* e que tem em Portugal um representante de primeira grandeza em Theophilo Braga com a sua esplendida epopeia *Visão dos Tempos*. Mas a *Ironia da Estatua*, filiando-se na mesma escóla poetica, tem um cunho especial e distincto, que não póde ser confundido com o sentir e pensar caracteristicos d'aquelles poetas.

É original e grandiosa, sem nos trazer reminiscencias de outros trabalhos não menos originaes, nem menos grandiosos. Basta este facto para nos demonstrar o talento verdadeiro de Mucio Teixeira, incontestavelmente um dos primeiros poetas do Brazil.

Poderiamos encerrar aqui este ligeiro esboço bibliographico, visto termos avaliado devidamente o merito de Mucio Teixeira pela sua

obra prima; não o faremos, porém, sem dizer duas palavras das suas collecções de poesias e do seu poemeto dramatico *Fausto e Margarida,* [1] imitação da monumental tragedia de Gœthe. Começemos por este. Se abstrahirmos do assumpto colossal, quer na lenda, quer na inimitavel creação do primeiro genio da Allemanha, e considerarmos apenas o poema dramatico de Mucio Teixeira como uma obra poetica despertenciosa e ligeira, na verdade o julgamos encantador. Mas — permitta-nos o poeta a rude franqueza — mas... é grande a responsabilidade de quem ousa tratar de novo um assumpto que, sendo immenso, já encontrou quem o tratasse á sua verdadeira altura. Uma traducção comprehende-se e acceita-se; agora uma imitação ou um trabalho novo exige da parte de quem toma sobre os hombros semelhante empreza um successo não inferior ao arrojo, isto é, a execução de uma obra superior á que lhe serve de norma ou molde. Ora o *Fausto e Margarida,* de Mucio Teixeira, não sendo uma traducção do *Fausto,* de Gœthe, por fórma alguma poderia tambem hombrear com essa gigan-

[1] Theatro de Mucio Teixeira — I *Fausto e Margarida.* — Poema dramatico em doze quadros da tragedia de Gœthe. — Terceira edição. — Rio de Janeiro. — Typographia Hildebrante, MDCCCLXXXII. — 1 vol. de 248 pag.

te epopeia da duvida, que é a maior gloria litteraria da Allemanha. O distincto auctor brazileiro nunca teve tal pensamento, apressamo-nos a fazer-lhe essa justiça, que lhe é devida. Parece-nos apenas que devia ter escolhido outro assumpto para os seus bellos versos, ou a preferir esse, interpretal-o de modo differente, dar á lenda um caracter inteiramente diverso do que lhe deu o immortal poeta allemão. É por esse motivo que damos preferencia ás collecções dos seus versos, *Novos Ideaes* e *Prismas e Vibrações,* apezar de não desconhecermos o encanto de algumas paginas do *Fausto e Margarida.*

Ha, n'aquellas, excellentes poesias, sobretudo lyricas, que não negam a nacionalidade do auctor, e que rescendem fragrancias das regiões americanas, como o *Pampa, Desejos, Na estancia,* e tantos outros traços da vida real, ou como as delicadas inspirações de Campoamor — *A noiva e o ninho* e *Dôces cadeias,* suavissimos hymnos de amor, e as bellas poesias *Perolas ideaes* e *Noite nupcial,* que sobresahem entre as melhores de Mucio Teixeira.

Eis algumas estrophes da poesia *A sésta:*

. . . . . .

Á sombra excitante, serena, tranquilla,
Das arvores altas do sul do Brazil,
Erguidos os braços, cerrada a pupilla...

Formosa morena
Dormita serena,
Sorrindo, opiada n'um sonho gentil!

Tão núa... e tão bella! tão cheia de encantos,
Provoca lascivias em tal languidez!...
As palpebras tremem, humentes sem prantos...
E em caimbras de goso
Seu corpo nervoso
Dá saltos felinos por mais de uma vez...

. . . . . .

Mas ah! que a araponga soltou no arvoredo
Um grito estridente, metallico... então:
A pallida moça, tremendo de medo,
Em casto receio,
Co'as mãos cobre o seio:
E os negros cabellos cahiam lhe ao chão!...

Para uma lagôa, que perto corria,
Dirige seus passos, transida de horror:
Ao pé do salgueiro, que á margem se via.
A agua faz bulha...
Seu corpo mergulha...
E — escondem as aguas thesouros de amor!

Tanto nos *Novos ideaes,* como nos *Prismas e vibrações,* ha evidentes tendencias para a poesia moderna, poesia social e humana, a par de muita reminiscencia das varias escólas dominantes. Porém, o poeta, se não se perdeu nos desvios esconsos do Parnaso parisiense, tambem não attingiu ainda a via suprema da inspiração poetica de nossos dias, continuando por ora amarrado ao falso brilho das crenças

mortas e vendo ainda "solemne, altiva... a cruz de Christo„... Progredir! Progredir indefinidamente! isso decerto, mas o progresso já deixa muito para traz o Christo e todas as visualidades religiosas; não póde vêr n'elle o symbobolo da humanidade triumphante. Mucio Teixeira que, na sua poesia *Missão de luz,* exclama:

"O seculo ouviu COMTE: e os povos dão ingresso.
Á embaixada do Amor, da Ordem, do Progresso...„

não deve retardar-se no caminho, antes pôr-se na vanguarda e ir ávante, sempre ávante.

Das suas poesias sociaes e humanas occupa o primeiro logar, — escusado será recordal-o — a *Ironia da Estatua.* Mas tem outras dignas de menção, embora inferiores á sua obra prima, a qual as supplanta e offusca inteiramente, tal é a grandeza da concepção. Não terminaremos, comtudo, sem lembrar aos leitores brazileiros a poesia *Os tres párias,* admiravel synthese ou, melhor, ousada condemnação do militarismo com todas as suas nefandas e horriveis consequencias. Eil-a:

"Em torno da tarimba, á noite, no quartel.
Limpando o correame, estavam tres soldados.
De um velho candieiro aos tons avermelhados
Sinistros como um ébrio á mesa do bordel.

. . . . . .

Disse o joven sargento: "Emquanto, junto aos bravos,
No campo do estrangeiro a patria eu defendia
Meu pai (que foi outr'ora o *meu senhor*) vendia
A minha pobre mãi a um mercador de escravos!„

Disse o corneta: "Eu vi meu pae, arcabuzado,
Cahir, estrebuchando, ao pé da bateria
Onde fizera fogo... E emquanto elle morria:
Eu vibrava o clarim á frente do quadrado!„

Disse o velho anspeçada (e arrebentou-lhe o pranto):
"Quando voltei ao lar, ferido do combate,
Achei minha mulher nos braços d'um mascate...
Estrangulei-a aos pés!... E eu a amava tanto!„

Não será Mucio Teixeira um verdadeiro poeta? Ninguem o contestará. Cumpra elle a sua promessa, consignada na bella *Dedicatoria* dos *Prismas e Vibrações*, e terá o Brazil um poeta de primeira ordem.

VIII

ISIDORO MARTINS JUNIOR

Chega-nos agora a vez de fallar d'este joven poeta pernambucano, auctor do bello poemeto de aspirações philosophicas *Visões de hoje* [1], com que firmou de um modo brilhante o começo da sua vida litteraria; de um pequeno livro de poesias a que deu o titulo de *Retalhos* [2], mas onde se acham algumas de merecimento real;

---

[1] Isidoro Martins Junior — *Visões de hoje* — Recife — Typographia Industrial, 1881. — 1 vol. de 116 pag.

[2] 1883-1884. Versos — *Retalhos* — Typographia Industrial, rua do Imperador n.º 14 — Recife, outubro de 1884 — Isidoro Martins Junior. — 1 folh. de 52 pag.

e de um formoso livro intitulado *Estilhaços* [1], collecção de versos subordinados pela maior parte á orientação da arte moderna.

As *Visões de hoje,* que appareceram á luz em 1881 e que, graças á extrema amabilidade de José Isidoro Martins Junior, tivemos a felicidade de poder apreciar logo, revelaram-nos que a arte no Brazil acompanha a evolução que se está dando na Europa, abandonando o velho sentimentalismo piegas da escóla romantica pela inspiração saudavel e forte das verdades scientificas.

Na America do Sul o lyrismo amoroso conservou-se mais tempo em vigorosa florescencia, sem cahir na banalidade, a que desceram os poetas romanticos na Europa. Porém, as condições de vitalidade excepcional, que se davam alli, modificaram-se necessariamente com o desenvolvimento intellectual e pelo contacto com as nações mais civilisadas. Assim, a poesia tinha de transformar-se e de adaptar-se á nova phase mental, desde muito em elaboração no velho continente. O Mexico foi o primeiro a tomar o novo caminho, e o Brazil segue-lhe o exemplo; como por toda a parte começou pela

---

[1] Isidoro Martins Junior — *Estilhaços* (edição definitiva) — Recife — Typographia Industrial, 1885 — 1 vol. de 164 pag.

phase revolucionaria até se lançar francamente na phase positiva.

O poemeto de Martins Junior pertence já definitivamente á ultima phase poetica; diz elle nas *linhas explicativas* com que abre o volume:

"É um ensaio de poesia moderna este livro.

"Melhor: Estes versos são um ensaio de poesia scientifica.

"A razão de ser d'elles e a justificação d'essa tendencia que lhes assignal-o é esta:

"A Arte de hoje, creio, se quizer ser digna do seu tempo, digna do seculo que deu ao mundo a ultima das seis sciencias fundamentaes da classificação positiva, deve ir procurar as suas fontes de inspiração na Sciencia; isto é: na generalisação philosophica estabelecida por Augusto Comte sobre aquelles seis troncos principaes de todo o conhecimento humano.

"É para mim um principio assentado que ao estado definitivo de positividade a que chegou a mentalidade do homem civilisado, corresponde presentemente, no dominio do sentimento, esta escóla de poesia — a scientifica."

O illustre poeta brazileiro, comprehendendo assim a poesia moderna, tambem comprehendeu que devia evitar o didactismo, que tinha de inspirar-se na orientação scientifica, e não cantar uma ordem particular de conhecimentos. É uma tentativa louvavel e realmente digna de sinceros applausos.

O volume *Visões de hoje*, contém uma longa *Introducção*, e divide-se em tres partes ou visões que se intitulam: *Syntheses scientifica, politica* e *religiosa;* parece-nos, porém, que as poesias não correspondem bem á ideia do auctor, o que não admira, em vista das difficuldades com que se lucta sempre quando se trata de explorar um campo inteiramente novo; todas as tentativas feitas desde as bellas poesias de M.me Ackermann, apenas teem tocado de leve no fecundissimo veio da inspiração do futuro. Isidoro Martins Junior, como todos os seus predecessores, constata a existencia da mina e prepara-se para a explorar. As *Visões de hoje* são simplesmente ensaios, mas que revelam a intelligencia e o arrojo do poeta. É um talento promettedor.

N'este volume ha alexandrinos soberbos, bellos, e ideias levantadas, a par de versos fracos e incorrectos e de imagens pouco apropriadas. Com pouco trabalho podia o auctor ter evitado pequenas imperfeições e crêmos que o fará n'uma segunda edição [1].

---

[1] Com effeito o auctor publicou em 1886 uma 2.ª edição "completamente refundida e accrescentada de uma *Synthese artistica*", onde revela um extraordinario progresso. Satisfez assim, em grande parte, as nossas esperanças.

Eis um trecho da introducção que é devéras notavel: Diz a Musa ao poeta:

"Olha: Segue este rumo: Entra nas officinas
Da Sciencia, da Luz. Penetra n'essas minas
Onde a estalactite alva do pensamento
Criva os muros senis, feitos do sedimento
Das cabeças-pharoes, dos cerebros dos sabios!
Procura o Bello ahi. Traz sempre nos teus labios
Aquelle mixto ideal de riso e de tristeza,
Aquellas cousas sans, boas, que a natureza
Inspirou [1] a Confucio e ao filho da Judéa.
Mas sê antes de tudo um soldado da Ideia!
Póde-se ter amor, beijar as creancinhas,
Prégar a paz, ser bom, terno como avesinhas,
E póde-se tambem vestir uma fardeta,
Ser heroe, combater, cravar a bayoneta
N'um peito ou n'uma entranha. A condição é ser
Productivo o luctar, ser lucta do Dever!...
Por consequencia estuda, canta, ri, combate.
Em tuas odes põe o rispido acicate
Da ironia, do fel, da satyra explosiva
Que chia sobre o Mal como na carne viva
Uma braza. Observa as formidaveis leis
Que regulam a queda, a elevação dos reis
E a desenvolução continua dos mais seres.
O macrocosmos tem tambem os seus deveres... [2]"

---

[1] Na 2.ª edição, lê-se *Ensinou*.

[2] Este ultimo verso, na 2.ª edição, foi substituido pelo seguinte:

— Tambem ao macrocosmo impõem-se deveres...

Na terceira visão, depois de ter historiado a evolução religiosa exclama o poeta:

Estendem-se no pó do solo os velhos cultos.
Mythos, deuses senis, espalham-se sepultos
N'uma grande extensão de esqualido terreno.
O ar é fino e puro; o espaço azul, sereno.
Jupiter, Jehovah, Osiris, Budha, Brahma
Jazem por sobre o chão sob esta lousa — a lama! [1]

---

[1] Este verso, na 2.ª edição, foi assim modificado:

Jazem no escuro *chão sob esta lousa — a lama!*

e segue com versos novos:

Como cousas senis, fossilisadas, negras,
Amontoam-se além as bolorentas regras
Da Biblia, do Alcorão, do Avesta e Rig-Veda.
Tropegos, sem valor, curvos, de queda em queda,
Fogem, na treva espessa, Adon, Moloch, Siva,
Ormuzd, Vichnou, Ahriman, Baalath,
Salaambô e Jesus, — toda essa tropa esquiva
De omnipotentes reis do Céo e Terra. Allah,
Lusbel ou Satanaz, Mafoma, Odin, os deuses
Varios; os sensuaes altares vis de Eleusis,
Venus, Platão, Neptuno, o Eterno Padre, os Anjos,
Maria — a Immaculada, os santos e os archanjos...
Tudo — alli está, na sombra, espavorido ou morto!
Desde a scena do Christo a meditar no Horto,
Até Juno — a cruel — vingando-se de Páris;
Desde a forte Minerva, erguendo-se nos ares,

Arrastam-se na areia inuteis, mastigados
Pelo tempo voraz — os dogmas sagrados,
Os sonhos divinaes, os ágapes ethereos
E todos os rituaes e todos os mysterios!...

Ao pé d'isto porém se eleva uma figura
Feita de magestade e feita de brancura.
— É a nova expressão da religiosidade,
A fé moderna e sã — o Culto á Humanidade!

Martins Junior abusa muito da synalepha; bem sabemos que os poetas teem licença

---

Armada, a se evolar do cerebro de Jove.
Até a Roma de hoje, — essa em que Pio Nove
Inventou para si o nome de Infallivel;
Desde Venus sahindo, estranha, irresistivel,
Das espumas do mar, limpida como ellas
E nua como a onda a humedecer as vélas
Desde a mãe de Cupido á mystica Thereza...
— Todas as ficções e fabulas da empreza
Immensa que tentou o theologismo inane.
Accumulam-se ali, a semelhar o mane
De um morto colossal. E, a vista assim surpreza,
Sente o mundo irem longe — *inuteis, mastigados*
Pelo tempo voraz, — os dogmas sagrados,
Os sonhos divinaes, os ágapes ethereos,
E todos os rituaes e todos os mysterios!

Em vez d'elles, *porém,* nos surge *uma figura*
Feita de magestade e feita de brancura.

É a expressão actual *da religiosidade,*
Da sã, da nova Fé: — a Deusa *Humanidade!*

para contrahirem syllabas ou vogaes, mas não julgamos muito acceitavel este meio de diminuir a medida de um verso. *P'ra* em vez de *para*, *indiff'rença*, *sec'lo*, *'stão*, etc., são fórmulas defeituosas; *relig'osa* é inadmissivel e mesmo desnecessaria. Estas incorrecções não offuscam, porém, as bellezas da poesia.

Da brilhante mocidade brazileira attrahe particularmente a nossa sympathia o joven poeta das *Visões de hoje*, como o inaugurador e o mais enthusiasta defensor da poesia philosophica e scientifica no Brazil. Por isso, aproveitamos todas as occasiões que se nos offerecem [1], para saudar o illustre poeta brazileiro como um dos talentos mais promettedores das modernas gerações e ao mesmo tempo consignar a esperança de que nos dê em breve [2] uma verdadeira obra prima pela qual mostre á evidencia que a

---

[1] Escrevemos sobre as *Visões de hoje*, no nosso semanario politico e litterario *A Vanguarda*, em 1881; sobre os *Retalhos*, na parte bibliographica da nossa *Revista de estudos livres*, paginas 465 do anno 1884-1885; e sobre os *Estilhaços*, no *Diario Mercantil*.

[2] O auctor, nas *Novas linhas* da 2.ª edição das *Visões de hoje*, annuncía, para breve, outro poema sob o titulo de *Evolução*, dramatisado e muito mais extenso, em cujo personagem principal procura salientar uma comprovação, ou antes, uma manifestação da *lei dos tres estados*.

orientação philosophica de nossos dias, longe de anniquilar as fontes da inspiração poetica, lhe ministra um veio riquissimo e inexgotavel de novas concepções artisticas. Isidoro Martins Junior, melhor talvez do que nenhum outro dos poetas brazileiros, póde levar a effeito essa idealisação propria da poesia contemporanea, porque tem, além de uma instrucção sériamente positiva, a convicção inabalavel de que, é de facto, esse o caminho seguido pela evolução esthetica na Poesia. Não possue ainda, com franqueza o confessamos, a extraordinaria destreza de execução que caracterisa uma boa parte dos *parnasianos* brazileiros; mas, em compensação, leva-lhes vantagem na grandeza do ideal e no profundo conhecimento do que deve ser a esthetica moderna, tendo, além d'isto, a aptidão de attingir pelo estudo, e por um esforço de paciencia, o gráu de perfeição que distingue a poesia na actualidade.

Nos *Retalhos* (titulo em que aliás o auctor não foi feliz) ha, a par de trechos que ficam muito abaixo do que era de esperar do talento do moço escriptor, outros que sobresahem pela grandeza da ideia e pelo fogo da inspiração moderna que os domina. O poeta, repetimos, comprehende bem o que deve ser a Arte nos nossos dias, inteiramente distincta da Arte dos *parnasianos* e da Arte dos lyricos do amor. Não desdenha comtudo do cuidado da fórma, nem

tão pouco do amor. Diz elle nas *Simples Quadras:*

E nem o Amor é apenas
A aphrodisia unctuosa
Que vós rimaes, nas serenas
Noites de luz saudosa.

Vates! Amar não impede
Que sejamos uteis, fortes,
Potentes como cohortes,
Sonoros como harpas. Crêde!

O Amor tenhamol-o, sim;
Cantemol-o inteiro e puro;
Mas o largo Amor sem fim
Que vae da esposa ao Futuro.

Brilham nos *Retalhos* a *Depresatio,* bella evocação á Musa da Sciencia, os versos de uma leitura confortante que o auctor intitulou *Revelações,* o lindo sonetilho *Ideal* e o soneto com que elle fecha o volume e que não resistimos á tentação de transcrever:

NEM DEUS NEM REI

O Deus da terra — o Rei, e Deus — O Rei dos céos,
— Este o Protheu divino, o anthropomorpho enygma,
— O outro, o sagrado bonzo, o imperial stygma
Agarrado ás nações como á grilheta os réos; —

Já não merecem fé, nem oblações, nem preitos!
— **Newton** tirou a Deus as redeas luminosas
Com que elle audaz domava o Cosmo, as nebulosas,
E **Comte** arrebatou-lhe os rigidos preceitos

Que elle sabia impôr ás mutações da Historia!
Assim: n'um Sol, n'um Povo, ha só a trajectoria
Marcada pelas leis: — Gravitação, Progresso!

Isso Deus. Quanto ao Rei, apodreceu de todo:
Veio a Revolução, veio Danton... E o lodo
Das ruinas fechou-o em seu sudario espesso!

O outro volume de versos — *Estilhaços* — o mais recente em data, é para o seu auctor "uma especie de herbario. Encerra as folhas sêccas de muitas das *suas* emoções mais fundas e mais espontaneas". Por isso ao entregal-o ao vento da publicidade, exclama:

Ide! agitai ao sol as azas escarlates,
Ó poemas febris! Sois filhos dos combates
Que meu craneo travou no ethereo acampamento
Onde este bom soldado herculeo — o Pensamento
Tem a sua barraca honesta e luminosa;
E portanto deveis, na face gloriosa,
Mostrar a calma luz dos peitos aguerridos
Que não sabem tremer nem d'arma dos bandidos
Nem da espada leal dos inimigos francos!...
Ide impavidos, pois! Quando os cabellos brancos
Me vierem cercar com um resplendor de lua
A cabeça senil, infecunda, já nua

De ideaes, de illusões, de crenças, de esperanças;
Talvez que apenas seja em vós, doudas creanças,
Que eu encontre um regaço, um ninho immaculado,
Onde vá repousar o coração chagado,
— Meu pobre coração avido só de Bem!...

. . . . . .

Comprehendemos o amor que o joven poeta consagra a estas suas poesias, a estas *doudas creanças,* como elle lhes chama, e que lhe inspiraram os delicados alexandrinos que deixamos transcriptos; são ellas o fructo, ou antes, para repetirmos as suas proprias palavras, "as folhas sêccas das *suas* emoções mais fundas e mais espontaneas„. Não são, porém, o mais bello fructo do seu engenho. Se, para o auctor, teem um valor especial, devido a mil circumstancias que acompanharam, precederam ou seguiram a concepção e a execução de cada uma d'ellas, para o publico, e em particular para o critico, que não as lê com a ideia preconcebida ou a chamma illusoria da paixão, teem outro valor, conforme as relações que as ligam aos principios geraes da esthetica ou o gráu de talento que revelam. Assim, ao percorrermos, pagina a pagina, os *Estilhaços,* embora encontremos muitas poesias dignas de menção, nenhuma descobrimos de cunho superior, que seja por si só a marca de uma individualidade. Superior, e muito superior aos *Estilhaços,* está ain-

da para nós o bello poemeto *Visões de hoje.* Dizemol-o com toda a franqueza, e crêmos que não estamos em erro ao acreditarmos que o proprio auctor, apezar do amor particular e justificado que consagra a estas poesias, terá a mesma opinião. Demais, se uma ou outra das peças poeticas contidas nos *Estilhaços* foi escripta depois das *Visões de hoje,* a grande maioria pertence á mesma época ou talvez a época anterior á concepção do poema. Não admira, portanto, que em todo o volume não se ache uma poesia de extraordinaria grandeza que sirva para aquilatar o talento de Martins Junior, como succede com *A Matilha,* entre as poesias de Theophilo Dias, ou com a *Ironia da Estatua,* entre as de Mucio Teixeira. São poucos tambem os poetas brazileiros, distinctos entre os distinctos, que possuem brilhantes de tão fino quilate, como estes dois, embora gozem de merecida reputação como verdadeiros talentos.

Nos *Estilhaços,* de Martins Junior, como nos *Retalhos,* ha no emtanto poesias dignas de alto apreço. Citemos ao acaso: *A Emile Littré, A Historia* (poesia de Ruckert, imitada e traduzida por muitos, mas aqui de uma fórma inexcedivel), *Duas épocas* (alexandrinos camoneanos), *A secca, No engenho, Recado ao sol,* etc. Os versos escriptos *A proposito da "conversão" de Littré* são de um vigor pouco vulgar, um protesto valente contra as falsas insinuações

de que tem sido victima a memoria de Littré em todo o mundo, apezar dos formaes desmentidos, não só dos amigos intimos do grande philologo, como do proprio padre a quem foi attribuida a proeza da lendaria *conversão*. E, convém notar, quando foram escriptos estes alexandrinos, ainda Martins Junior não tinha conhecimento, decerto, da verdade ácerca de semelhante invenção jesuitica!

A seguinte poesia é de uma ironia pungente, reminescencia da poesia de Guilherme de Azevedo *Falla a ordem*, de que tomou por epigraphe o ultimo verso. Intitula-se:

A UM SOLDADO QUE LIA

Que fazes, infeliz? Vergado ao teu fuzil,
Tu lês? Como és ingenuo, ó pobre sêr sem luz!
Tira o livro da mão. Pregar-te-hão na cruz,
Se houver quem vá dizer ao general, ó vil!

Que, como sentinella, alli, junto á guarita,
Tu commettes tal crime! Abrir ao livro a alma
D'um soldado! Mostrar a verdejante palma
Do talento ao fuzil, ao sabre que se agita
Sómente quando a guerra estruge! Canibal!
Ter a audacia de lêr! Prejudicar a *pose*
Do soldado, com o ar, com a posição fatal,
De quem pensa! Que horror! Ter uma força que ouse
Desviar teu olhar do cano da tua arma!

. . . . . .

Não penses mais em tal, soldado! A tua lei
Ordena que se esfrie o craneo, para o Rei
Poder dormir feliz, sem receiar o alarma!

Isidoro Martins Junior, nos *Estilhaços*, toca de passagem diversas gammas da poesia contemporanea desde o *Lyrismo* e *No campo* — notas dos lyricos modernos, — até ás extravagancias *parnasianas*, no *Recado ao sol*, e á descripção do estado psychologico na *Crise psychica*, mostrando assim que não lhe é indifferente a evolução da arte nos nossos dias e que acompanha as transformações da poesia lendo ao mesmo tempo Guerra Junqueiro e Theophilo Braga, Sully Proudhomme e Jean Richepin, emfim todos os poetas contemporaneos de França e de Portugal, as duas nações que evidentemente exercem maior influencia sobre a mentalidade dos moços brazileiros.

Eis o soneto a que pôz o titulo de

CRISE PSYCHICA

Sinto uma vibração extranha no meu sêr:
Lateja-me no craneo o cerebro, e no peito
Lateja-me fervente o coração. Se espreito
P'ra dentro de mim mesmo, encontro-me a tremer!

Tenho na alma um cáhos: um biblico estorcer
De genese que está-se elaborando, em leito
De mundos a surgir. Não sei o que se ha feito
De novo, de latente e grande, em meu viver.

Não sei. Mas já não basta á frivola existencia
Que arrasto, o enthusiasmo e aquella rubra ardencia
Das luctas ideaes que eu vivo provocando

Em prol da eterna Luz! Já não me basta a paz
Da consciencia forte, o louro, a gloria... Mas
Não sei como ha de vir o que me falta, e quando!...

Uma cousa realmente notavel n'este poeta é que embora se approxime successivamente de differentes escólas ou correntes poeticas da actualidade, no fundo sempre se divisa a orientação positiva do seu espirito. É este um dos caracteristicos do seu talento. Nunca se deixa absorver inteiramente pelo auctor que lhe serve de modelo ou que lhe fornece a ideia fundamental da sua composição poetica. Este facto, bastante evidente, contribue, e não pouco, para depositarmos muitas esperanças no futuro do joven poeta brazileiro.

IX

SYLVIO ROMÉRO

Sylvio Roméro é uma das glorias litterarias do Brazil. Occupando-nos, em 1883, da sua notavel *Introducção á historia da litteratura brazileira,* escrevemos na *Revista de estudos livres* [1] as seguintes palavras, que gostosamente recordamos:

"Sylvio Roméro, professor no *Collegio de Pedro II* no Rio de Janeiro, distingue-se entre os escriptores brazileiros pela firmeza do seu caracter e pela independencia com que expõe as suas convicções e ideias; é, ao mesmo tempo, poeta e historiador, philosopho e critico, desen-

---

[1] Anno 1883-1884, pag. 234.

volvendo uma actividade incansavel e mostrando sempre uma grande cópia de conhecimentos; comparam-o a Theophilo Braga, e crêmos que não é sem razão, porquanto o illustre escriptor brazileiro tem adquirido na sua patria tantas inimizades, quantas entre nós outr'ora adquiriu o districto professor do Curso Superior de Lettras; a inveja e a malquerença assaltam sempre o verdadeiro merito.

"Desde 1880 que apreciamos o talento elevado de Sylvio Roméro. O nosso querido e saudoso amigo Hugo Leal, essa organisação delicada de poeta, que as lettras brazileiras tão prematuramente perderam, fallou-nos um dia com enthusiasmo do seu notavel compatriota e emprestou-nos um bello livro de critica que acabava de vêr a luz — *A litteratura brazileira e a critica moderna,* — onde Sylvio Roméro revela de um modo brilhante os altos dotes do seu espirito. Não concordamos com algumas das opiniões do arrojado critico, mas admiramos a independencia com que expõe as suas doutrinas e formúla as suas apreciações e ideias, sem se deixar impressionar por considerações ou por conveniencias de qualquer ordem."

A leitura da *Introducção á historia da litteratura brazileira* confirmou-nos a grande conta em que já tinhamos o distincto litterato. Mas não tinhamos podido apreciar Sylvio Roméro como poeta. Por isso, recebendo do illustre cri-

tico brazileiro o seu livro — *Ultimos harpejos* [1], — um pequeno volume de versos, devoramol-o com o mais vivo interesse. Os *Cantos do fim do seculo,* com que iniciara a sua vida litteraria, nunca nos tinham vindo ás mãos; e, portanto, as suas novas poesias eram, para nós, uma novidade, esperando encontrar n'ellas a revelação do artista.

Logo, porém, nos impressionou desagradavelmente o primeiro periodo da *advertencia,* com que abre o volume, e que é, não só uma injustiça feita a si proprio, mas ainda uma offensa indirecta a todos os crentes e a todos os poetas dos tempos passados, presentes e futuros. Parece-nos que o auctor não traduziu n'ellas fielmente o seu pensamento, pois que de contrario seriam na realidade bem tristes as conclusões, que d'ahi se poderiam deduzir. Sylvio Roméro é, além de poeta distincto, um critico eminente das obras litterarias dos poetas brazileiros, e por isso bem sabe que a poesia, a verdadeira poesia, longe de ser um passatempo pretencioso, é uma arte grandiosa e sublime, e a crença, quer tenha por fundamento a revelação, quer uma doutrina philosophica, é o ele-

---

[1] *Ultimos harpejos,* por Sylvio Roméro. — Editores Carlos Pinto & C.ª — Pelotas e Porto Alegre, Provincia do Rio Grande do Sul, 1883 — 1 vol. de 88 pag.

mento primordial de grandes caracteres e a origem de dedicações e heroismos. A descrença, a falta de fé ou o desdem pela verdade scientifica, denuncia fraqueza de animo e gera a inacção, o abatimento, o aborrecimento e, não poucas vezes, o suicidio. Ora Sylvio Roméro pertence á legião dos fortes, dos que teem um ideal, dos que luctam infatigavelmente, dos que confiam na regeneração social, nos progressos da patria e no futuro da humanidade. Elle mesmo o confessa, elle mesmo se proclama o iniciador da reacção anti-romantica no Brazil.

Sylvio Roméro começou pela poesia, pela idealisação de "um triplice plano, uma *trilogia.*„ Eis o plano: "O *mundo* e a *humanidade* interpretados pelo criticismo realista e evolutivo, nos *Cantos do fim do seculo;* a *patria* em sentido lato, n'um americanismo sem indios, um americanismo civilisado e historico, democratisado e progressivo, no *Poema das Americas;* a patria em sentido restricto, a *provincia,* idealisada a sua vida em nosso lyrismo singelo e popular, na *Lyra sergipana.* A primeira parte foi levada a effeito; as outras esboçadas. São os fragmentos que agora sahem a publico.„ Assim explica o poeta a apparição dos *Ultimos harpejos.*

Não conhecemos infelizmente a primeira parte da trilogia os *Cantos do fim do seculo,* onde o artista ha-de dar sem duvida toda a medida

do seu estro. Os *Ultimos harpejos* são, na realidade, fragmentos soltos das outras duas partes, fragmentos a que falta um laço superior de união e que se resentem de um particularismo exaggerado, de um acanhado ideal de patria e de provincia, hoje em diametral opposição ao largo sopro altroista que faz da terra a patria commum de todos os homens, sem distincção de raça, de religião ou de humanidade.

Não quer isto dizer que não tenha este volume poesias de verdadeiro merecimento e de attrahente belleza como as que se intitulam *Palenque, Colombo, A mancha negra, Nos engenhos, O exodo dos livres, Nas mattas, Lusus naturæ, A viola,* etc.

Particularmente a *Lyra sergipana* tem poesias de um sentimento espontaneo, nacional, versos de um sensualismo quente, profundamente brazileiro; por exemplo:

A VIOLA

Quanto eu te amava, oh! rustico instrumento!
Tu, que as maguas, as dôres allivias
Da sertaneja em mansas melodias,
Inda hoje me vens ao pensamento!...

Puro e bom despontava o sentimento,
A alma dourando, como doura os dias
O sol—nosso conviva... e tu vertias
Teus gemidos subtis todos ao vento...

Companheira querida das matutas,
Confidente fiel de seus desejos,
De seus sonhos de amor, serenas luctas,

Como és boa da roça nos festejos,
Quando as morenas languidas, astutas,
Afinam pela *prima* o som dos beijos!...

Não menos interessante é a poesia

LUSUS NATURÆ

Ella tinha um segredo: um passarinho,
Que era um thesouro de belleza e mimo;
Ave celeste, desgarrada, occulta...
Entre as graças da moça — encanto opimo.

Menina, teu passarinho
Devéras que era um primor;
Que formoso diabinho,
Que riqueza, que fulgor!

E eu te pedia: deixa vêr a fôrma
D'esse capricho, que te exalça, oh! linda:
— Não: meu canario vive do mysterio,
Para que vêl-o, se não canta ainda?!

E mais corriam os dias,
Tu — sempre enganosa assim;
Eu — nutrido de alegrias,
E tu — zombando de mim...

Como que um beijo ethereo fluctuava
Nos teus labios cheirosos, concerrando
Essas petalas de flôr gracil, mimosa,
De que o perfume estava-se exhalando.

No porte ameno e singelo,
Toda de graça infantil,
Tinhas o garbo das rosas
Pendidas em tenro hastil.

Mas um dia, estreitada n'um abraço,
O peito arfando, celere, fogoso:
O collo desvendado, a mente errante,
O corpo resvalando em céo de goso,

A face tocada em leve
De mais divino rubor,
Tu deixaste vêr a fórma
Do mimoso beija-flôr!

No recanto em que as graças escondia,
Lá bem perto de amor no ethereo ninho,
Ella tinha um segredo: bem ao vivo
Debuxado na côxa um passarinho!...

Ha n'estes versos a sensualidade luxuriante tão caracteristica do lyrismo brazileiro.

O *Casamento Tabaréo* é um quadro, admiravelmente descripto, de um americanismo puro. Comtudo agradam-nos mais algumas das poesias que encerra o *Poema das Americas, A lucta* é um bello trecho epico que fecha com esta quadra:

Dez annos pelejou a Troya americana:
Caiu como Carthago em lucta desigual.
Sómente a natureza amou seus combatentes,
Sómente a rocha altiva e o grande palmeiral...

Outra poesia que se torna digna de menção — *Os Quilombolas*. Não nos permittindo a exten-

são d'esta poesia dal-a na integra, transcrevemos duas quadras caracteriscas:

Vamos ouvir as melodias ternas,
Os meigos quebros de um cantor saudoso:
Eis as bellas mulatas dedilhando
A *tyranna,* o *bahiano* desdenhoso...

Escutar os trinados argentinos
Que vibra o violão na voz mimosa;
Do baile rude, da modinha amena,
Vamos colher a magoa perfumosa.

Infelizmente Sylvio Roméro, a par de muitos versos excellentes, sonoros, harmoniosissimos, tem outros imperdoaveis, que empanam o brilho de algumas poesias; estes, por exemplo:

Com aquillo que se passa nas auroras
. . . . . .
Que o céo covarde lhes atira em cima
. . . . . .
Que a alma deixada sobre a propria gloria,
Não n'a occupa a espreitar as ardilezas,
. . . . . .

E como estes, muitos outros. É muito desigual; e por vezes tambem as ideias mal se divisam por entre o exaggero das figuras. Varias poesias augmentariam de valor, tornar-se-hiam mais bellas, mais perfeitas, se o poeta lhes cortasse os versos inuteis, que em vez de desenvolverem o pensamento, o enfraquecem. Deixemos, porém, os defeitos; todas as obras os

teem e até mesmo a natureza não está isenta d'elles. Se sômos severos, se nos mostramos exigentes com Sylvio Roméro, é porque este illustre escriptor brazileiro, quer pelo seu talento, quer pela sua sciencia, occupa um dos logares mais eminentes entre os modernos escriptores do Brazil, e tem portanto obrigação de fugir o mais possivel da vulgaridade e de se approximar do ideal de perfeição a que todos os artistas, a que todos os poetas, devem aspirar.

Em todo o caso, os *Ultimos harpejos,* além do merecimento proprio das poesias, teem o de ser um documento valioso da reacção anti-romantica no Brazil, marcando a transição da plena época do romantismo para o moderno movimento naturalista, essencialmente philosophico, que de dia para dia mais se accentúa.

X

FILINTO DE ALMEIDA

Filinto de Almeida occupa logar á parte entre os poetas brazileiros, dos quaes se distingue pelo sentir e pela maneira. No estylo e na imaginação é na verdade portuguez, como portuguez é de nascimento. Talvez devesse antes figurar entre os poetas do Portugal contemporaneo do que entre os ornamentos da litteratura moderna do Brazil. O que acontece com Filinto de Almeida na poesia brazileira, succedeu com um filho do Brazil, o primoroso poeta Gonçalves Crespo, na poesia portugueza. Tambem este, vindo creança para Portugal e entre nós fixando residencia e constituindo familia, guardou na alma e no coração até á sua morte prematura a ardencia de sul-americano. Foi

sempre um poeta brazileiro, e de superior merecimento, no meio dos poetas portuguezes. Do mesmo modo Filinto de Almeida é um poeta portuguez, e poeta distinctissimo, no meio dos poetas brazileiros.

A *Lyrica* [1], esplendido livro de versos d'este poeta, comprova a nossa asserção. Foi para nós uma surpreza agradabilissima a primeira leitura que d'elle fizemos, não por nos revelar um estro portuguez, mas pela elevação artistica attingida pelo poeta. Demais a mais, Filinto de Almeida fôra, a crystalino veio, beber o estylo e retemperar a imaginação. Parnasiano pela fórma, mas parnasiano tambem pela ideia, não adaptou á lingua portugueza a maneira dos poetas francezes; preferiu — e conseguiu-o com rara felicidade — renovar a graciosa maneira verdadeiramente nacional, explorando o *Parnaso* de Camões e chegando mesmo á fonte mais pura dos poetas da Renascença — as *Rimas* do divino Petrarca. Por isso, lêmos e relêmos, com intimo prazer, a *Lyrica* de Filinto, sentindo no espirito ineffavel inebriamento, como o delicado gastronomo a quem o amphitryão, no fim do banquete, offerece um calix de

---

[1] Filinto de Almeida — *Lyrica*. — Rio de Janeiro. — Typ. e Lyth. Moreira Maximino & C.ª, rua da Quitanda, 111 e 113. 1887 — 1 vol. de 282-4-6 pag.

capitoso e genuino Porto velho. Nos tercetos e nos sonetos da *Lyrica* descobre-se com frequencia o sabor camoneano.

Veja-se, por exemplo, o bello soneto

HONTEM E HOJE

Já não uso fazer como soía
D'antes, inda este amor me não chegára:
Encontrasse belleza, por mais rara,
Nunca por tal belleza morreria.

Mas vi-te, e, ao vêr-te, o vêr que me prendia
Laço de amor, foi logo. Hoje tentára
Em vão já não te amar como te amára,
Pois, se se amasse mais, mais te amaria.

N'esse passado tempo as esperanças
Não me viviam mais que alguns momentos,
Pois que as matavam sempre as abondanças.

Hoje só tenho queixas e lamentos!
Busco nos teus affectos allianças...
E tópo unicamente soffrimentos.

Approxime-se agora d'este adoravel soneto de Camões [1]:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o sêr, muda-se a confiança:
Todo o mundo he composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

---

[1] Obras completas de Luiz de Camões, volume 1.º edição da *Actualidade*, soneto 52, pag. 35.

Continuamente vêmos novidades,
Differentes em tudo da esperança:
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve) as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mi converte em chôro o dôce canto.

E afóra este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mór espanto,
Que não se muda já como soia.

N'um e n'outro soneto observa-se o mesmo estylo, a mesma fórma conceituosa, a mesma opposição de ideias, a mesma repetição do verbo, do substantivo ou do adverbio. Em Filinto de Almeida o jogo com os verbos *vêr* e *amar*, do verbo *amar* com o substantivo *amor*, a repetição das palavras *belleza* e *mais* e o contraste entre *viver* e *matar*. Em Camões a repetição e o jogo do verbo *mudar-se* e do substantivo *mudança*, a approximação do presente de *cobrir* e do adjectivo *coberto*, a contraposição entre as ideias do *mal* e do *bem*. Não é uma imitação; é uma apropriação da maneira poetica da Renascença, com a qual Filinto de Almeida traja opulentamente o seu sentir; o verso corre naturalmente, cheio de suavidade e de encanto, sem que se denuncie affectação, apezar de alguns archaismos, como no soneto transcripto *abundanças* e *soia*, este ultimo em-

pregado tambem por Camões no adoravel soneto que nos serviu de confronto.

Não menos bello do que o soneto *Hontem e hoje* é o primeiro da primeira parte da *Lyrica*, da *Musa errante*. Intitula-se

DOR IGNOTA

Como eu te amei! Que santa idolatria
Na minha dôce infancia eu te votava!...
Se mais do que te amei, eu não te amava,
É que amar inda mais eu não podia.

Qual o martyrio, pois, que te magoava?
Qual era o espinho então que te pungia?
Que amargura nublava-te a alegria?
Que dôr cruel teu peito angustiava?

Teus olhos, nunca enxutos do teu pranto,
Tinham, ás vezes, o funesto brilho
Da crua dôr que eu nunca adivinhei.

Que tinhas, pois, tu, que soffreste tanto,
Responde á triste voz do triste filho,
Mãe! terna Mãe, que eu nunca mais verei!

Que belleza de fórma e que delicadeza de sentimento! Como se casam tão perfeitamente o estylo e o pensamento. Ha n'este soneto a mesma technica poetica que no outro transcripto, ha o mesmo sabor camoneano, o jogo do verbo *amar*, a repetição do adjectivo *triste* com substantivos differentes, a repetição do vocati-

vo *Mãe,* docemente reforçado com o epitheto *terno,* e emfim reminiscencia bem frisante d'aquelle conhecido verso de Camões:

> De teus formosos olhos nunca enxuitos.
>
> (*Lus.* CANT. III, EST. 120).

no verso

> Teus olhos, nunca enxutos do teu pranto.

Mas, como estes sonetos, poderiamos citar quasi toda a *Lyrica,* e poderiamos tambem fazer uma ou outra approximação dos sonetos de Bocage a quem Filinto de Almeida vota entranhada admiração. O poeta, na *Lyra da Arcadia,* formada por duas poesias *Hosana* e *Ode a Machado de Assis,* mostra a pujança do seu talento restaurando com arte e vida fórmulas poeticas inteiramente abandonadas. A tendencia do espirito de Filinto, havia-o de levar fatalmente a empregar a ornamentação mythologica, mas fal-o poucas vezes e com sensata parcimonia.

Para se avaliar bem o poeta, transcreveremos um soneto, onde elle revela a justa comprehensão a que chegou, do que deve ser esta composição lyrica, formando um todo, fechado por conceito moral, por uma ideia que dá unidade a todos os membros da descripção:

NO LAR

Lá fóra o vento asperrimo esvoaça,
E, sacudindo as arvores frondosas,
Como um devastador terrivel, passa
Crebro, bufando as coleras furiosas.

A chuva bate em cheio nas rochosas
Montanhas, onde a hera se entrelaça;
Fórma as torrentes céleres. irosas,
Que entre taliscas vem rolando em massa.

Tudo ás iras celestes se constrange:
Até recúa, fluctuoso, o mar;
A chuva estala, o vento bravo range...

Mas póde elle ranger e ella estalar,
Eu goso, á luz que o seu olhar abrange,
Este aconchego morno do meu lar!

Da *Musa errante* destacam-se ainda, além da *Lyra da Arcadia* e dos sonetos *Dôr ignota* e *No lar*, os sentidos tercetos *A morte do avô* e os sonetos *A grande rosa*, consagrado á memoria de Gonçalves Crespo, *Estrella funesta* e *O leque*. Das poesias reunidas sob o titulo de *Peninsulares*, merecem citar-se especialmente os sonetos *Á volta*, *Casto amor*, *A uma escultura*, *Ida*, *Antonietta* e *Sorride-vos*, as quadras *Dizia D. João* e *Ignota Déa* e os tercetos *Olhos pretos* e *Labios e olhos*. Ha em todas estas poesias a paixão amorosa, quente e vibrante, intimamente unida á correcção metrica e á belleza

da linguagem. Transcreveremos, para comprovação, apenas alguns tercetos da formosa poesia *Labios e olhos:*

Esta mulher, quando ardem meus desejos,
Se o meu olhar a anima, doidamente
Vem-me á bocca e suffoca-me de beijos.

E no meu coração, sincero e crente,
Ella como que um toxico inocula,
Que é repellido em sangue, de repente.

Todas as veias túrgidas circula.
Todos os vasos rapido percorre,
E ao coração tornando inda o macúla.

Ah! mas d'esta peçonha não se morre:
Pois, apenas estou convalescendo,
Ella, com beijos, mais veneno escorre.

E quando ás vezes penso estar morrendo,
Lança-me o olhar — antidoto infallivel —
E para a vida novamente ascendo.

. . . . . .

A segunda parte da *Lyrica* abrange duas subdivisões que se intitulam *Intima lyra* e *Musa nova*. A primeira d'estas é formada por *O poema do amor* e *O poema da morta*, reminiscencia de *Le Rime* de Petrarca, *In vita* e *In morte de Madonna Laura*. Mas no *Poema do amor*, de que já transcrevemos o soneto *Hontem e hoje*, e onde na realidade não ha que especialisar, porque todas as poesias d'elle são bellas, a in-

fluencia de Camões é decisiva e exclusiva. No *Poema da morta,* a par d'essa ascendencia lyrica que domina toda a obra de Filinto de Almeida, nota-se tambem a acção espiritual do sublime poeta italiano. Mas no poema *In morte de Madonna Laura* ha, por assim dizer, maior subjectividade. Filinto, na sua idealisação e no seu sentimento, toca mais de perto o mundo objectivo, está mais em contacto com a realidade causadora do soffrimento.

O poeta foi chamado para vêr a candida donzella que amava, quando ella *anciava no estertor da ultima agonia,* e descreve em sonetos admiraveis a impressão que sentiu ao vêl-a morta. Eis um dos sonetos:

Quando morreu levava no semblante
A mais funérea pallidez que hei visto...
Nem mesmo as faces lívidas do Christo
Eram de uma brancura semelhante.

Do fundo olhar azul o dôce mixto
Da candura e do amor mais palpitante,
Empanara-se á dôr excruciante
D'aquelle golpe mórbido previsto.

O seu cabello rútilo e doirado
Perdera a côr brilhante de oiro fino
E pendia-lhe fôsco e desgrenhado...

Como então eu chorei triste e mofino...
Juncto do corpo misero tombado
Tambem morria o sol do meu destino

Ainda transcreveremos outro:

Tu viste, amigo, aquella creatura
De olhar azul que a morte embaciava,
Aquella angelitude que guardava
Todo um thesouro occulto de ternura;

Mas não viste e não sabes a alma pura
Que ninho fôfo e tépido abrigava,
Onde, — canario rútilo — cantava
O Amor primeiro as arias da ventura!

Tu viste-a morta: o largo olhar nublado,
Roixos os labios puros, branca a face,
Solto o loiro cabello e desgrenhado.

Tu, pois, dos que me viram a demencia,
Só tu crerás que assim me allucinasse
Esta tragedia negra da existencia.

Por estes dois sonetos se póde avaliar o pungente sentimento que distilla todo *O poema da morta.*

A *Musa nova,* ultima secção da *Lyrica,* contém igualmente excellentes poesias. Apontaremos d'entre ellas os sonetos intitulados *Silencioso, Novo bem, Á partida,* e os tercetos *Perfeição suprema.*

Pelo exame a que procedemos, vê-se que Filinto de Almeida é, sem duvida, um dos melhores poetas das modernas gerações do Brazil e que tem deante de si um largo futuro.

XI

HUGO LEAL

Consagrando este livro ao estudo de alguns poetas brazileiros contemporaneos dos muitos que honram as lettras no Brazil, — a maioria dos quaes só conhecemos por composições dispersas nos jornaes — não o queremos fechar sem dedicar meia duzia de paginas á memoria de um poeta distincto, que foi nosso companheiro de luctas litterarias e politicas.

Referimo-nos a Hugo Leal, um dos espiritos mais brilhantes da mocidade brazileira contemporanea, fallecido em março de 1883 no Rio de Janeiro, victima de uma tuberculose pulmonar e na curta edade de 25 annos. Dotado de uma organisação de poeta, enthusiasmava-se com as ideias grandes e generosas, e lançava-se

em campo na defeza das causas justas, exercendo a sua inexgotavel actividade, onde se encontrava, em Paris, em Lisboa ou no Rio de Janeiro, desprendendo-se de preconceitos e reconhecendo, acima da patria que tanto amava, outra patria maior — a humanidade. Natural da cidade de S. Luiz do Maranhão, onde nasceu a 21 de julho de 1857, veio aos onze annos para a Europa. Seu pae, o dr. Antonio Henriques Leal, escriptor brazileiro [1], vendo-se forçado a sahir da sua patria para procurar allivio aos seus padecimentos, trouxe a familia para Portugal.

Hugo Leal fez os seus primeiros estudos em Coimbra e em Lisboa, indo depois continual-os em Paris, onde se matriculou na faculdade de medicina em setembro de 1876. Um desastre, que mezes depois lhe succedeu, prendendo-o por largo tempo no leito, impossibilitou-o de continuar a carreira de medicina. Foi em Paris que se revelou como poeta, dando a lume as *Rosas de Maio* [2], um volume de versos em que transparece, a cada passo, a alma apaixonada de brazileiro.

---

[1] Auctor do *Pantheon Maranhense,* 4 tomos, Lisboa, Imprensa Nacional. 1873 a 1875.

[2] Hugo Leal, *Rosas de Maio* — Paris Impremerie — Typographique A. Pougin. 1878 — 1 vol. de 180 pag.

Data do seu regresso a Lisboa, depois de ter acompanhado seu pae ao Rio de Janeiro, o periodo da sua maior actividade litteraria e ao mesmo tempo politica e jornalistica. A existencia agitada de lucta e de trabalho em prol da causa republicana, que levou alguns mezes em Lisboa [1], foi continual-a no Rio de Janeiro, para onde partiu, em dezembro de 1880, com sua familia. Deu testemunho d'isso Adelino Fontoura na *Gazeta da Tarde*, do Rio de Janeiro, no numero de 26 de março de 1883, dedicado á memoria do infeliz mancebo, que substituira Ferreira de Menezes na direcção d'aquella folha:

---

[1] Em Lisboa, filiando-se no centro republicano federal, foi dentro em pouco eleito presidente da commissão executiva, cargo que exerceu de junho a dezembro de 1880, tomando parte activa nas festas do tricentenario de Camões, fazendo conferencias politicas, promovendo saraus para commemorar as grandes datas nacionaes e os dias solemnes para a democracia universal, chegando mesmo a tentar manifestações mais arrojadas, como uma marcha *aux flambeaux,* que o governo não consentiu. Ao mesmo tempo, Hugo Leal acompanhava-nos dedicadamente na redacção do semanario republicano federal *A Vanguarda,* onde revelava já as suas aptidões não vulgares de jornalista eminente, que pouco depois desenvolveu na imprensa diaria do Rio de Janeiro. Vide *Revista dos estudos livres,* 1883-1884, pag. 188, *Necrologia.*

"A prodigiosa actividade de Hugo, dizia Adelino Fontoura, não arrefecia um instante, e o seu talento multiplicava-se de um modo surprehendente, apparecendo simultaneamente no artigo de fundo, no noticia ligeira, no folhetim semanal, na secção de economia domestica *Mãe de familia,* onde tomára o pseudonymo de M.me Vate, na secção de modas e *toilettes,* que assignava com o pseudonymo de Lord Percy, etc."

Ainda durante os ultimos mezes da sua vida, quando a terrivel doença já fizera consideraveis estragos, não socegava um instante, continuando a dispender a sua força intellectual em novos trabalhos litterarios e na propaganda activa das suas doutrinas politicas. Adelino Fontoura descreve-nos admiravelmente o saudoso poeta nas seguintes linhas da *Gazeta da Tarde:* "Alto, elegante, ligeiramente pallido, cabellos negros, mãos compridas e brancas, Hugo constituia um typo extremamente sympathico, sem *poses* estudadas, de uma grande simplicidade nas maneiras, dominando todos com o seu ar dôce e com os seus modos despresumidos e francos. A sua voz bem timbrada, a sua nativa distincção, a sua affabilidade especial e uma leve timidez em tudo isto, punham no seu typo pensativo e romantico a nota encantadora de uma originalidade captivante."

Hugo Leal era assim, pensativo e romantico; pertencia ainda, apezar da sua extraordinaria

actividade, á phalange dos poetas brazileiros, que morriam na flôr dos annos, victimas da consumpção produzida pela febre do amor. Era um poeta de imaginação ardente e arrojada. O seu livro *Rosas de Maio*, poesias dos quinze aos vinte annos, prova-o exuberantemente; ha n'alguns d'aquelles versos, apezar de ainda bastante incorrectos, o fogo sensual da paixão exaltada pelo clima. É uma feição caracteristica do lyrismo brazileiro; e esta feição transparece igualmente na prosa de Hugo Leal, no seu estylo empolado, metaphorico, quente, como se vê no *Camões e o seculo XIX* [1], onde sacrifica o rigor historico na ancia de mostrar vivo o grande epico e o meio falso em que viveu. Pinta em vez de descrever.

Nos versos de Hugo Leal resalta com frequencia a nostalgia do exilado, como nos de Gonçalves Dias e Casimiro d'Abreu. No seminario de Coimbra escrevia a sua poesia *Saudades*, cujas primeiras estrophes são as seguintes:

Oh meu Deus! quantas saudades
Eu tenho do meu Brazil:

---

[1] *Camões e o seculo XIX* por Hugo Leal. — Conferencia realisada na noite de 2 de junho na sala do Centro Republicano Federal. — Bibliotheca Republicana Democratica — XVI — Lisboa. Nova Livraria Internacional, 1880.

D'aquelles campos em flôres!
Da infancia dos meus amôres,
Da minha quadra infantil!

Saudades, fundas saudades
De tudo que lá deixei;
Saudades — de meus brinquedos —
Saudades — de meus folguedos —
Saudades — de quanto amei!

Anhelo por contemplar-te,
Oh meus céos!... oh patria amada!...
No ether, que sons de amor,
Que hymnos ha na alvorada!
Que ais! que frouxo rumôr!

. . . . . .

Mezes depois, estando em Setubal, absorvido na contemplação da natureza, admirando os encantos das margens do Sado, ainda exclama, na bella poesia *Reminiscencias:*

Tudo isto emfim que eu vejo... são saudades
Que inundam minhas palpebras de pranto...
Saudades — d'essa terra que idolatro,
D'essa Laura gentil que eu amo tanto.

Nem em Paris, no meio do bulicio da grande capital, se esquece do seu Brazil; antes, ao contrario, as saudades alli ainda mais se avivam. No *Amor, pranto e saudade,* encontra-se este dulcissimo fecho, em verso solto:

A lua n'outros céos de azul contemplo:
Bebo harmonias no vagar errante
De outras estrellas de brilhar mais pallido;
Hauro perfumes no correr macio
De uma outra brisa de estrangeiras plagas:
Vago saudoso por estranhos climas.
Cantando a patria que enamoro em sonhos,
Cantando a patria que do exilio adoro!

A influencia dos poetas brazileiros Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo e Casimiro de Abreu no espirito do joven Hugo sente-se a cada passo, como nas mimosas poesias *No jardim*, *A pastora*, *Desejas!?*, *A troca*, ou nos amargos tercetos que têem por titulo *Meu quarto no seminario*, ou mesmo nos ardentes versos da *Maldição* e do *Delirio*.

Gonçalves Dias, seu conterraneo, tem a primazia dos seus affectos. São estrophes sentidas as que Hugo Leal lhe consagra, e d'entre as quaes destacaremos as seguintes:

Oh genio infinito! condor — nas alturas.
Na terra — vulcão!
Etherea harmonia banhada em perfumes;
Suave ataúde dos ternos queixumes.
Da louca paixão!

. . . . . .

— É este meu leito. — Nos pampas celestes
O sol se abumbrou...
E o genio da terra baixando nos ares...

... Cravados os olhos nos longes palmares...
No mar se afundou.

Oh gloria dormida no vacuo espaçoso
De atroz soledade!
Teu jaspe — a mortalha revolta do Atlantico —
E o ronco das vagas — teu requiem, teu cantico
De dôr e saudade! —

. . . . . .

Allude o moço poeta á morte em naufragio, já á vista do Maranhão, do seu eminente patricio, quando regressava da Europa, minado por mortal enfermidade, esperando ir morrer á patria tão amada. Como Gonçalves Dias, Hugo Leal adorava as ua terra natal, as suas tradicções e glorias. Varias poesias suas o demonstram.

O idealismo amoroso, a sensualidade vaga e idylica, tão precoce nos poetas brazileiros, revelada por Hugo Leal na sua suave poesia *Meus nove annos,* já nos apparece transformada em paixão ardente, desordenada, violenta, em Paris, nas quentes poesias *Em seus braços* e *Ella dorme,* luctando com o sentimento casto e santo do amor de familia, como se vê na sentida imprecação epigraphada *Perdão, minha mãe!*

Mas o poeta, entrando no estudo das sciencias naturaes, inicia outro rumo, encontra para a sua formosa e brilhante inspiração um norte diverso, uma orientação verdadeiramente moderna.

Nas *Rosas de Maio,* que são documentos poeticos da primeira phase da sua evolução intellectual, já se denuncia n'algumas das poesias dos vinte annos a accentuada tendencia para a transição. Basta citar tres estrophes da poesia *Na escóla de dissecção:*

. . . . . .

Os teus membros gelados pela morte.
Meu faminto escalpello vae rompendo
Como heroe paladino;
Deshumano quem? Eu!! — o homem sem vida
É vaso espedaçado, e os restos lançam-se
Ahi... no esterquilinio.

Um cadaver — que importa se hontem genio —
E esterco, é materia a decompôr-se,
É lampada sem oleo,
Uma couve recebe o seu carboneo...
De suas carnes talvez renasça um verme
Que suba ao Capitolio.

. . . . . .

Teu corpo — essa retorta onde se geram
Os gazes que dão vida... Immunda argila,
— Teu tumulo — mortal,
— Esse cadinho em que has de decompôr-te
Outra vida engendrando a novos sêres
Nascidos de tua cal.

. . . . . .

Hugo Leal, depois de publicar as *Rosas de maio,* não abandonou a poesia; pelo contrario, o seu lyrismo, fecundado pelos conhecimentos scientificos e pela concepção philosophica do mundo, que adquiriu no estudo, e ao mesmo tempo revigorado, na parte amorosa, pelas suggestões de uma realidade gosada ou soffrida, tornou-se mais bello, mais apaixonado, mais perfeito.

Infelizmente, essas poesias não chegaram a ser reunidas em volume, ficando muitas dispersas pelas folhas litterarias e politicas do Brazil e talvez muitas mais completamente ineditas.

Quem as colligisse prestaria um relevante serviço ás lettras brazileiras, salvando do olvido um poeta de talento. [1]

FIM

---

[1] Já em 1886 dirigimos a Gaspar da Silva uma carta em que lhe pediamos para agitar a ideia de se colligirem em volume as producções poeticas de Hugo Leal. São d'essa carta os seguintes paragraphos que o *Diario Mercantil,* de S. Paulo, transcreveu no n.º 28 de Dezembro de 1886 approvando calorosamente a ideia:

"Se não me engano, quando morreu Hugo Leal, alguns amigos resolveram publicar em volume os versos d'elle ineditos e os dispersos nas folhas diarias.

Creio, porém, que se esqueceram. Eu, como admirador e como amigo dedicado que fui d'aquelle moço que tanto honra a litteratura brazileira e que igualmente prestou relevantissimos serviços ao partido republicano portuguez em 1880 e 1881, peço ao meu bom amigo que influa no animo dos companheiros e patricios d'elle, da imprensa fluminense, para prestarem á sua memoria uma justa homenagem, colligindo em volume os seus escriptos.

Se, como poeta, não era um dos primeiros do Brazil, no emtanto occupava logar eminente entre os novos, tendo os seus versos verdadeiro sentimento e muito notavel belleza.

Não deixe, meu caro Gaspar da Silva, passar mais tempo sobre a memoria do poeta e veja se consegue fazer com que se salvem ainda os ineditos que elle possuia, alguns dos quaes — que elle me leu — tinham subido valor...

INDICE

Pag.

ROLOGO 5

AVACO PREVIO. 7

I — Raymundo Corrêa 17

II — Alberto de Oliveira 29

III — Valentim Magalhães. 41

IV — Entre parenthesis 51

V — Fontoura Xavier 59

VI — Theophilo Dias 69

VII — Mucio Teixeira 79

III — Isidoro Martins Junior 89

IX — Sylvio Roméro 105

X — Filinto de Almeida 115

XI — Hugo Leal 125

OBRAS DO MESMO AUCTOR

—

POESIA

Os Padres, 1875 — folheto (esgotado).
Rumores vulcanicos, 1878 — 1 vol. (esgotado).
Lyra camoneana, 1880 — 1 vol. (não entrou no mercado).
A Marselleza, vertida em portuguez, 1881 — folheto.
Vibrações do seculo, 1882 — 1 vol.

—

PROSA

Progressos do espirito humano, 1879 — folheto.
Luiz de Camões e a nacionalidade portugueza, 1880 — 1 vol. (esgotado).
Os Jesuitas, 1880 — folheto (esgotado).
Comte e o positivismo, 1881 — 1 vol. (esgotado).
Ensaios sobre a evolução da humanidade, 1882 — 1 vol.
Principios de philosophia positiva, 1883 — 2 vol.
A familia, 1884 — 1 vol.
Questão litteraria: O ensino da Historia nos lyceus, 1885 — folheto.
Projecto de um programma federalista radical para o partido republicano portuguez, 1886 — folheto.
Sciencia e philosophia: Ensaios de critica positivista, 1890 — 1 vol.
Idéias geraes sobre a evolução da pedagogia em Portugal, 1892 — folheto.
Theophilo Braga e a sua obra, 1893 — 1 vol.
A Crise: Estudo sobre a situação politica, financeira, economica e moral da nação portugueza nas suas relações com a crise geral contemporanea, 1894 — 1 vol.

0

BINDING SLIP

PQ 9569 T4

Teixeira Bastos, Francisco José
Poetas brazileiros

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 03 06 007 5